

**TEXTOS**

## CORPO E ANGÚSTIA<sup>1</sup>

Daniel Paola<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, o autor articula a conceitualização do *corpo* em dois momentos da produção lacaniana. No primeiro momento, a concepção da unidade corporal tal como abordada por Lacan, no Estádio do Espelho. No segundo momento, o corpo fragmentado e sua relação com a angústia, tal como proposto no Seminário *A angústia*.

**Palavras-chave:** corpo, angústia, unidade corporal, objeto *a*.

### BODY AND ANGUISH

**Abstract:** In this article, the author articulates the body conceptualization in two moments of the work of Lacan. In the first moment, the conception of body unity as approached by Lacan in the mirror stage. In the second moment, the fragmented body and its relation with anguish as proposed in the seminar *The Anxiety*.

**Keywords:** body, anguish, body unity, object *a*.

<sup>1</sup> Tradução realizada por Verónica Pérez.

<sup>2</sup> Psicanalista, Membro da *Escuela Freudiana de Buenos Aires* (EFBA). Autor dos livros: *Psico-ses o cuerp*, *Erotomania*, *paranóia y celos*, entre outros. E-mail: purple@sion.com

## 1. Da unidade à fragmentação

No Seminário *A angústia* de 1962-63, o corpo começa ter outra dimensão na obra de J.Lacan. Se levássemos em conta a primeira versão referente ao corpo, – que poderia ir, aproximadamente, do início da obra até este Seminário – a atribuição ao corpo estaria ligada à imagem especular outorgada pela unidade primordial gerada no estádio do espelho.

A imagem do *infans* antecipa-se numa unidade diante do espelho, carente ainda de movimentos plenamente coordenados, numa explosão de júbilo dedicada ao *partenaire* que se reflete como ele. No estádio do espelho, a unidade corporal está sustentada pelo *assentimento* do *partenaire* que o acompanha na experiência e que depois se tornará como *assentimento do Outro*.

Tratar-se-ia, até esse momento em que J.Lacan concebe o Seminário *A angústia* ([1962-63] 1986), de um corpo significativo, inseparável da primazia dos registros imaginário e simbólico, aportando o sentido de diversos objetos pelos quais irá transitando o *infans* em razão de um percurso através da série *castração-frustração-privação*.

Lembremos o Seminário *As formações do inconsciente* de 1957-58 e encontraremos um pai como agente real da castração, dando lugar a um objeto-corpo imaginário, uma mãe simbólica como agente da frustração, com sua conseqüência objetual simbólica, que perdurará como *a essência de um corpo sintomatizado*, e um pai imaginário numa operação de privação que se tornará um objeto real que possibilitará o Ideal do Eu.

Até aqui J.Lacan, não privilegia o objeto real – no qual o *infans* se investe – pela mãe, senão pela conseqüência da exaltação de um Ideal do Eu que indica a finalização do complexo de Édipo. Diria que até esse tempo da conceitualização, o corpo está mais ligado como objeto simbólico e, portanto, como sintoma, do que como objeto real.

A passagem pela cura analítica com um corpo que transcorre de um objeto simbólico a outro real produziria a plena eficácia de um Ideal do Eu delimitado. Dessa forma, penso eu, se faz cair um Ideal do Eu indiferenciado pela proximidade com o objeto simbólico que seria muito mais inibitório.

Dito de outra forma: se a frustração opera com sua predominância simbólico-sintomática, a privação encontra-se no horizonte. Outra coisa seria chegar plenamente ao tempo da privação do sintoma com um Ideal do Eu delimitado e, portanto, eficaz para uma vida ligada ao desejo. Até aqui, a dimensão real do objeto não está desenvolvida, a não ser como um tempo de chegada que deveria ocorrer como plena eficácia da saída do complexo de Édipo.

Entretanto, no Seminário *A angústia* ([1962-63] 1986), encontramos J.Lacan preocupado pelo que acontece, segundo meu critério, com o resultado da operação do pai imaginário e o aparecimento do objeto real, em um mais além que compromete o corpo, criando uma nova dimensão do sintoma. Esse objeto real, produto da privação do pai imaginário sobre a mãe simbólica, gerador do Ideal do Eu, será a matriz do que se tornará como objeto *a*.

## 2. O traço unário

O pai real, simbólico e imaginário, já está desprovido nesse momento da ação nominante porque já estabeleceu o Ideal do Eu e é o objeto real da privação que domina a essência do corpo. Mas se o pai deixou seu próprio lugar pelo mesmo efeito da privação, um novo universo se abre em relação ao objeto real, agora denominado objeto *a*, no Seminário *A angústia*, que coloca uma espécie de mais além do corpo.

Mais além do nome do pai, constitutivo da metáfora, resta o objeto despreendido do agente que o gera, que não reúne todas as significações possíveis ao ser retirado de cena porque é privado, embora não deixe de ter presença. O objeto *a* resulta da impossível significação advinda como consequência de ser o objeto de uma privação inclusive da própria metáfora.

Portanto o corpo, através da sua versão objetual, desprende-se da metáfora e posteriormente esse fato será guia em futuras conceitualizações, que culminarão em *Radiofonia* (Lacan, 1980), texto de 1970.

Esse segundo passo na obra de J. Lacan, que determina uma nova versão do corpo para sua lógica psicanalítica, que tem o objeto *a* real como suporte, não poderia ter sido gerado sem a conceitualização anterior do traço unário no Seminário precedente *A Identificação* ([1961-62] s/d), porque seria impossível conceber tal idéia de um traço, sem assumir um resto que não poderia ser significado.

Um caçador, de acordo com o mito famoso que J. Lacan introduzirá no Seminário *A identificação(s/d)*, marca com um traço um percurso, um itinerário da caçada, mas ali mesmo renuncia a considerar a coisa, à maneira do *Das Ding* do Seminário *A ética* ([1959-60] 1988), na medida de uma impossível transmissão de um dizer. Na escrita, da mesma forma que na caça, existe uma captação simbólica do real resistente à significação.

## 3.O objeto *a*

Longe de J. Lacan se deter nos pormenores imaginário-simbólicos que a castração oferece como garantia da segurança que aporta a escrita, ele introduz o valor do que não cessa de não se escrever. O *falo imaginário* será, a partir

deste Seminário *A angústia* ([1962-63] 1986), escrito em menos, porque se tornará resto cada vez que ele seja encontrado na direção da cura, da mesma forma que se fosse o primeiro tempo de predominância do sentido imaginário-simbólico. Mas, por sua vez, ficará claro que será impossível qualquer operação sem que esse falo imaginário exista, já que justamente ali detrás jazerá, uma vez reconhecido, o objeto *a* radicalmente diferenciado.

A plena potência do final da análise freudiana, a rocha viva da castração que oficia a genitalidade com necessidade do pênis, entra em menos, porque a partir do encontro com o objeto real denominado *a*, ganha território outra potência gerada pela perda da unidade.

Dito de outra forma, o corte gerado pelo traço unário (*einzigler zug*) e que o objeto encarna, como o objeto de nenhum objeto, implica uma superfície que separou órgãos: adveio a fragmentação e então a lei do pai já não se imiscuirá como princípio de realidade freudiano no desejo, mesmo que a lei do pai e o desejo reconheçam um tronco comum.

Uma é antes e o outro é depois. Quando o objeto *a* irrompe com plena potência, na teorização de J. Lacan, o órgão é a consequência da privação pela qual o objeto transitou, cindindo-se do simbólico.

É assim que o importante do órgão corporal que essa fragmentação descobre no Seminário *A angústia* é a sua caducidade, a detumescência, o esvaziamento, o retorno à não-função como aquilo que fundamenta uma origem. Em si mesmo o objeto *a* real não se sustenta senão através de uma operação simbólico-imaginária, que, por sua vez, suporta um sintoma que não funciona para que o sujeito se situe melhor na sua existência, e que então a psicanálise tenta diluir.

Já não será o corpo do júbilo do que aparecia como unidade primordial especular, na qual a matriz significativa e o conjunto de identificações eram o augúrio de um tempo de potência.

A partir desse momento, se bem haja um tronco comum para a lei e o desejo, existe a fragmentação que libera uma do outro. Assim, mesmo o corpo repousando na caducidade dos órgãos que situam o acento no que não funciona como gerador, libera-se da potência do júbilo especular.

Lembremos que até esse momento tudo permitia supor que era necessário não se deparar nunca com esse *sinistro* fragmentável, mais próprio da esquizofrenia e do não-familiar, que do corpo.

#### 4. A fragmentação e a angústia

A fragmentação é a melhor definição da angústia, porque a pulsão já não poderá reconhecer-se só em uma unidade parcial, senão que também poderá

*desarticular-se*, cobrando máximo efeito a voz, porque existe o que escapa ao campo escópico: o objeto *a* carece de imagem especular.

Não é pequeno o passo que dá J. Lacan neste Seminário. *Primeiro* se distancia do significante, com sua libra de carne, como a expressão de um corpo que se oferece no mercado do intercâmbio edípico. Em *segundo lugar*, ao entrar em contato com o potencial do objeto real, produto da privação, se afasta da lei do pai, Freud, para dar lugar a um mais além da castração da necessidade do pênis. Em terceiro lugar, o corte propicia órgãos como metáfora de uma fragmentação que antecipa a caducidade de um só nome no nome-do-pai, dando lugar a outra potência, a da voz, desarticulada do campo escópico porque o objeto *a*, em seu estatuto real rejeita o especular.

## 5. A pulsão invocante

A dimensão da voz como pulsão invocante é referida neste Seminário, como o nó crucial que o analista realiza com o analisante.

Adveio então, posteriormente, uma prática analítica que é invocante em relação à pulsão, gerando um desejo de analista diferenciado ao não pretender reduzir a angústia ao ponto zero mortificante de um masoquismo que até o momento reinava em relação ao que se considerava como próprio: o objeto do desejo.

Era assim que a conseqüência do alcance do final da análise retornava ao sujeito em mania, segundo as descrições que J. Lacan realiza neste seminário, ao encontrar-se o sujeito com aquele objeto que, pertencendo ao Outro do Olimpo, era arrebatado sem o perigo de que Zeus supostamente espreitasse.

Mais além das circunstâncias da perversão sadomasoquista, tão generosamente desdobradas no Seminário *A angústia*, J. Lacan permite ler também o atravessamento do masoquismo que todo fantasma porta.

É possível provocar esse atravessamento mediante a potência da fragmentação, que gera o estatuto real do objeto *a*, que, ao encontrar o não-especular e o que não é significável, leva água à retroação edípica desde o manancial da voz que supriu o oral.

Haverá, sim, momentos de júbilo para o analisante e o analista, pensando na voz inesgotável da interpretação que resgata o que cai do Outro. Só será um momento de compreender a evidência do que é possível desarticular da pulsão: atrás dessa voz, como pulsão invocante, subjaz, ainda mais, o grito de angústia.

De fato, que o corpo seja fragmentação, entre o oral e a voz, por exemplo, não está livre de problemas. O órgão do seio esvaziou-se do leite que saciava o

sujeito, para dar lugar à voz, mas a voz sucumbe em um imperativo de gozo quando o super-eu intensifica.

Se chegamos a acreditar na voz como fonte de origem e, portanto, como único elemento para uma interpretação que devém *ultrafônica*, descartando o sentido necessário que retorna como uma unidade suposta, o resultado será a primazia do super-eu na direção da cura.

## 6. A significância

Porém, o importante é pensar aqui que a fragmentação, que determina o objeto *a* enquanto real, desvincula a voz do oral, dando lugar ao ponto crucial das identificações do sujeito, que fogem do campo da significância como pólo verdadeiro, por estarem tingidas do insuspeitado, do neutro, que fogem da primazia que o ser humano faz do mito ou inclusive da imaginarização da morte do pai.

A partir do Seminário *A angústia*, não se tratará da fratria e da manducação em cerimônia ritual, senão que a morte do pai adquire uma nova perspectiva, porque seu nome se fragmenta, e esses fragmentos, por sua vez, caem porque não coagulam em um novo mito: a angústia será insuperável porque na voz do amor se encalha, se cala e se silencia.

Penso que J. Lacan, no Seminário *A angústia*, propõe uma nova fascinação pela potência, levada agora ao objeto *a* do lado do sujeito, como causa de fragmentação do Nome-do-Pai, que deixa estupefato. Agora assume nova forma a perturbação, a desarmonia, porque ali a angústia esconde a pulsão que sempre economizará o amor como encontro e como acordo.

Será uma nova aparição do *golem*, disse-me a mim mesmo, como um chiste? Querendo nos defender dos perigos com os quais a psicanálise se depara, construiremos um sujeito que destruirá o que deveria defender, criando uma nova fascinação fragmentária?

Respondo-me com outra afirmação: o limite que se abre a partir do Seminário *A angústia* coloca por cima de tudo uma ignorância. Não se saberia como degradar a angústia e, pelo contrário, seria o único efeito não enganador que pautaria uma fidelidade. Torna-se estranho o imaginário para cada sujeito, em lugar de habitar o conforto que propõe o interior.

O Seminário *A angústia* propõe, acima de tudo, uma exterioridade do objeto *a* como ponto de partida, evocada pela não-função do órgão, na aula do dia 16 de janeiro de 1963. O significante barrou o sujeito e essa abertura é incomensurável em relação à ignorância da qual é capaz o sujeito.

O objeto *a* é o exterior que existirá como encontro, quando o tempo de análise consegue diluir a captura que o sujeito faz desse mesmo objeto no

lugar do Outro, dando entrada ao que é o eu e o não-eu como especular.

Esse exterior, como saberemos mais adiante, não diz respeito à gramática, e sim ao fraseio, ao fonema que captura o ato com paixão, mas que por sua vez advém não-único.

Em outras palavras, caído o fantasma, não fica senão a passagem ao ato que o constituiu. Ali será encontrado um sujeito com outra angústia, referida, desta vez, à dimensão de um objeto *a* que *escapa* pela ignorância que envolve encontrar um sentido novo.

Sempre haverá novo sentido para a existência. O difícil será encontrá-lo quando não estiver condicionado pelo fantasma.

## 7. Conclusão

O Seminário *A angústia* (Lacan, [1962-63]1986) abrirá o jogo para o psicanalista:

1. Desarticulando a pulsão, estabelece uma primazia da voz, porque existe o não-especular que faz desaparecer o escópico como potência especular unificante;
2. O corpo se fragmenta por sua vez, tornando caduco todo órgão, inclusive a própria voz tornada grito ou silêncio pela imersão do sujeito no que não funciona;
3. A não-função será o motor que situará o objeto *a* em um exterior ao campo do Outro, do qual o sujeito terá a certeza como aversão, nunca como possessão.

## REFERÊNCIAS

- LACAN, J. *El seminario, libro 5: las formaciones del inconsciente [1961-1962]*. Buenos Aires: Paidós, 1999.
- \_\_\_\_\_. *El seminario, libro 7: la ética [1961-1962]*. Buenos Aires: Paidós, 1988.
- \_\_\_\_\_. *El seminario, libro 9: la identificación [1961-1962]*. Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires, s/d.
- \_\_\_\_\_. *El seminario, libro 10: la angustia [1962-1963]*. Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Psicanálisis, Raifonia e Televisión*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1980.

Recebido: 05/12/2007

Aceito: 15/01/2008

Revisado por Otávio Augusto Winck Nunes

**TEXTOS**

**O PEQUENO INCRÍVEL HULK –  
QUESTÕES SOBRE O DUPLO <sup>1</sup>**

Fernanda Pereira Breda<sup>2</sup>

**Resumo:** Este ensaio discute o conceito de duplo a partir da teorização presente no texto freudiano *O estranho*, retomando, por sua vez, algumas fontes utilizadas como referência a esse artigo. Inicia a discussão com a abordagem que Otto Rank faz do tema, compondo, com a literatura e o cinema, elementos para seguir pensando a função do duplo na estruturação psíquica. Traz fragmentos de um caso clínico em que a formação de um duplo aparece no andamento de uma fobia.

**Palavras-chave:** duplo, estranho, angústia, defesa, fobia, constituição do Eu.

**THE LITTLE INCREDIBLE HULK – QUESTIONS ABOUT THE DOUBLE**

**Abstract:** The present essay discusses the concept of double from the Freudian perspective in the text *The Uncanny* and revisits the references mentioned in the article. It starts with the discussion of Otto Rank's approach on the theme, composing with literature and cinema as elements to think about the function of the double in the psychic structure. Also, this essay brings fragments of a clinical case in which the formation of the double emerges in the course of a phobia.

**Key-words:** double, uncanny, anguish, defense, phobia, constitution of the ego.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA – *Angústia*, realizadas em Porto Alegre, outubro de 2007.

<sup>2</sup> Psicanalista; Membro da APPOA; Psicóloga do ambulatório de saúde mental IAPI. E-mail: fernanda.breda@terra.com.br.

**E**le é enorme, bastante grande mesmo: quase não é possível andar ao seu lado no longo corredor que nos leva à minha sala no ambulatório público. Deixando sempre seu acompanhante na sala de espera, Emerson disputa com meu corpo o corredor. Parece caber apenas ou ele, ou eu.

No seminário X, nas primeiras lições, Lacan ([1962-63] 2005) situa o texto freudiano *O estranho* como eixo indispensável para abordar a questão da angústia. Retoma o achado de Freud ([1919]1981), que aponta na relação estranho-familiar o espaço do sujeito nessa passagem fundamental da constituição psíquica. O lugar do *Heimlich*, do familiar, em contigüidade ao lugar que representa a “ausência em que estamos”, lugar da casa na mais ampla acepção da palavra. Trata-se do ponto para além da imagem de que somos feitos, travessia em que por vezes nos fazemos acompanhar de reflexos, sombras, nossos duplos, restos que vamos compondo com histórias e canções... até não sabermos mais ao certo quem está a falar... e por vezes percebemos que a travessia se fez lugar. O lugar da casa, com suas portas e janelas, venezianas cheias de frestas... por onde voltamos a evocar nossos fantasmas travestidos de estranhos avançando pelos vãos.

No artigo *O estranho*, Freud ([1919]1981) toma como referência o texto de Otto Rank chamado *O duplo*. O texto foi escrito em 1914, após o autor assistir à projeção de um filme do chamado cinema expressionista alemão: *O estudante de Praga*. Dirigido por Stellan Rye, trata-se de um filme mudo, em preto e branco, feito em 16mm e com 75 minutos de duração, reconhecido por Otto Rank como a primeira obra cinematográfica a colocar na tela a temática do duplo. É baseado, por sua vez, na literatura. Hans Ewers, escritor de contos de terror, cria o roteiro, se apropriando de textos de Edgar Allan Poe, Oscar Wilde, Goethe e Hoffmann. Assistimos na tela à história de Baldwin, um estudante perseguido por seu duplo, após vender seu reflexo no espelho a uma estranha figura, passando a encontrar, no lugar de sua imagem refletida, o nada, o espelho vazio. Sendo sua própria imagem re-encontrada, no andamento da trama, como um outro fora de seu controle, com vida própria. O cinema, já em sua origem, aparece como forte propulsor da teorização sobre o estatuto do duplo na psiquê. O cinema dá ao tema do duplo um realismo insuspeito, nada tirando de sua característica angustiante, nos lembra Otto Rank (1914). No restante do texto, trabalha com a literatura, com mitos e folclores; fazendo as primeiras articulações entre o tema do duplo e o psiquismo. Apresenta uma espécie de inventário de autores e obras e um percorrido histórico sobre essa temática. Propõe o duplo como resultado de um processo de interiorização do mal, apontando a literatura fantástica onde isso se apresenta mais precocemente. Para Rank, o demônio deixa de ocupar o espaço externo e começa a aparecer como parte da condição humana, passando a habitar a subjetividade.

No texto *O estranho*, ao percorrer as inúmeras manifestações do *Unheimlich*, Freud ([1919] 1981) afirma ser a temática do duplo a que mais se destaca dentre elas. Serve-se da literatura como referência para abordar as diversas formas do duplo e os efeitos de estranheza associados. Começa reconhecendo o duplo nos textos em que aparecem personagens “que devem ser considerados idênticos, porque parecem semelhantes, iguais”. Ou personagens que apresentam processos mentais que saltam de um para o outro, como na telepatia, em que o sentimento, conhecimento de um aparece no outro. Ou personagens que, ao se identificarem a um outro, acabam por ficar em dúvida sobre quem realmente são. Ou ainda, quando ocorre a substituição do eu de um pelo de um estranho.

Essas são algumas manifestações do duplo na literatura destacadas por Freud. Situa, portanto, o fenômeno do duplo como estando intimamente relacionado com a instância do Eu. Refere, mais adiante no texto, o surgimento do duplo como repetição do mesmo (mesmo nome, mesmo número, mesmos crimes...). Mesmo, porém não-mesmo. Repetição do idêntico, marcado pelo enigma do que pode estar oculto nesse reencontro com o semelhante.

Freud decanta, desse longo texto de Otto Rank, as relações traçadas entre o duplo e o mundo das sombras, dos reflexos, dos espelhos, dos espíritos, bem como o tema associado da crença na existência da alma e o medo da morte. Para Rank, sombra e imagem representam, na literatura e no cinema, um “eu” que se tornou independente, por vezes aparecendo como um outro, um estranho. Retomando as manifestações do duplo ao longo da história, aponta seu surgimento como negação da onipotência da morte. Sendo a alma apresentada como a primeira forma de duplo de nosso corpo. Freud aborda o conceito do duplo como uma “invenção”, uma criação com o sentido de defesa contra a extinção. Situa, no entanto, como uma defesa primitiva, datada do narcisismo primário. Se, nesse momento da constituição psíquica, o duplo surge como proteção ao desaparecimento do Eu, posteriormente, quando essa etapa já está superada, sua assunção inverte seu aspecto, se convertendo em um estranho mensageiro da morte, pois sempre lembrará sua origem: a imagem da alienação ao Outro. Para Freud, na duplicação do eu, algo fica recalcado, inconsciente, produzindo, em seu retorno, justamente o efeito da estranheza. Lacan ([1962-63] 2005) faz uso do conceito de Real para dizer que algo não passa pela imagem, ficando fora do imaginário e convocando uma nova operação: a tessitura do simbólico. Freud segue em seu texto apontando que o duplo pode ir adquirindo novas formas (novas imagos) nas fases posteriores do desenvolvimento do Eu, sem, no entanto, jamais se livrar de sua face mortal. Poderá aparecer como instância crítica, como consciência, e nos delírios de observação. Como instân-

cia capaz de tratar o resto do Eu como se fosse um objeto, abrindo possibilidades a inúmeras projeções. Poderá aparecer também como uma espécie de ideal projetado no futuro do que não fomos capazes de realizar no presente. Sob a égide da fantasia, o duplo poderá conter as aspirações do Eu.

Freud segue o texto se perguntando o que há no conteúdo do duplo que justifique a operação defensiva de projeção fora do Eu, como se fosse uma coisa estranha. Responde dizendo que o caráter de estranheza deve advir do fato de ser a criação de uma etapa primitiva e superada do psiquismo, quando o Eu não se distinguia nitidamente do mundo exterior, quando o eu se encontrava sem seus contornos estabelecidos.

O que me interessa destacar do conceito de duplo nesse artigo de Freud é a idéia de que se trata da emergência de uma imagem que uma vez foi constitutiva, significando garantia de imortalidade, se transformando posteriormente em um sinistro anunciador da morte, do aniquilamento. A imagem do duplo permanece associada à operação de alienação?separação ao Outro.

Bom, volto ao corredor do ambulatório onde deixamos nosso pequeno incrível Hulk. A partir da abordagem deste caso, podemos seguir trabalhando o texto freudiano, no que diz respeito à utilidade de um duplo. Justamente, pode parecer estranho, mas a questão que pretendo abordar é qual a serventia de um duplo, mais especificamente para que pode servir um duplo nos casos de fobia. Ou, ainda, para que serve o duplo na vida de meu paciente. Pois o pequeno incrível Hulk surge tomado por manifestações fóbicas.

Emerson chegou ao ambulatório em plena crise de angústia. Sua consulta de acolhimento estava marcada para a semana seguinte. Sem poder esperar, apresenta-se em nossa recepção. É recebido por um colega, que se dirige a sala onde a equipe se reunia, com um relato quase assustador: havia um rapaz na recepção, muito forte e grande, todo tatuado, armado, dizendo que se sentia muito mal e precisava ser atendido. Resolvo acolhê-lo: peço que entre em uma sala, próxima à sala de reuniões, onde se encontrava a equipe... decido atendê-lo de porta aberta, me sentando estrategicamente em uma cadeira na saída da porta. Qual foi minha surpresa: por trás da imagem, aparece um rapaz muitíssimo assustado e sem saber ao certo o que lhe ocorria. Dizia que tinha a função de vigilante e naquele momento estava indo para o trabalho, portanto estava armado, quando foi tomado por uma crise de pânico. Refere momentos de pavor, falta de ar, taquicardia, pressão aumentada e muito medo de morrer. Sensações que lhe vinham principalmente quando tinha de percorrer a pé longos espaços abertos: ruas, praças ou avenidas... Curiosamente, não se sentia incapaz de exercer sua profissão: "Era o que sabia fazer de melhor: cuidar, proteger os outros". A função de vigilante era de grande importância para ele. Ainda na

infância acompanhou muitas vezes sua mãe em internações hospitalares, por complicações cardíacas. Ela suicidou-se quando ele tinha 14 anos. Referiu que foi um momento em que não pôde estar presente, suficientemente vigilante, para protegê-la. Quando iniciou atendimento no ambulatório trabalhava em uma grande revenda de automóveis, cargo de extrema responsabilidade. Zelava pela vida das pessoas. Claro que se preocupava com a possibilidade de sobrevir uma crise durante o trabalho, mas por uma estranha torção, essa função lhe proporcionava certo conforto. Seguiu um ritual diário em torno do preparar-se para o trabalho: falava-me em como mantinha sua farda sempre limpa e passada. E a vestia como um ator, ainda nos bastidores, preparando-se para entrar em cena: o cuidado com seus cabelos, a barba sempre bem feita, o cheiro de desodorante, as botas sempre engraxadas. Uma série de adereços que iam-no performando pouco a pouco e instaurando uma outra cena. Durante essas narrativas, me vinha à cabeça o conto de Machado de Assis(1981), *O espelho*: o alferes vestindo sua farda na tentativa de reconstituir sua imagem perdida. Esse conto narra a história da promoção de um homem a alferes, alta hierarquia militar, e as transformações em sua relação com o entorno que advém dessa ascensão. Seus parentes lhe presenteiam uma farda e todos ao redor começam a chamá-lo de “seu alferes” e a tratá-lo com deferências. Eis que, de um dia para o outro, a tia (que o estava recebendo em sua casa) e as deferências se vão. Na solidão, o alferes passa então a vestir sua farda, todos os dias em uma determinada hora, frente ao espelho – forma de atravessar o vazio que se impôs. É um conto em que Machado formula uma “nova teoria da alma”, propondo que não haveria só uma alma, mas “nada menos de duas”.

Voltando ao caso: após duas semanas de atendimento, Emerson vem com a notícia de que havia sido demitido. Ainda estava em contrato de experiência e a empresa resolvera não efetivá-lo. Compartilhei com ele um sentimento de alívio e preocupação, se por um lado essa função o organizava, também lhe era injuntiva. Ser vigilante, uma espécie de roupagem que lhe oferecia um lugar Outro, espaço ainda frágil que aos poucos se desintegra, pela faceta que emerge como total de alienação ao Outro materno.

Ao perder sua vestimenta, nem é preciso dizer que, nas semanas seguintes, aumentam suas crises de pânico. Já não consegue mais se deslocar até a academia, nem tampouco sair de casa sozinho. Passou a ir ao ambulatório sempre acompanhado por alguém. O acompanhante do fóbico fazendo agora as

<sup>3</sup> Não se trata de um duplo nos moldes freudianos, mas de uma presença real que oferece certa garantia de proteção frente à demanda avassaladora do Outro.

vezes de um duplo<sup>3</sup>, mantendo, por sua presença, uma distância organizadora, um espaço de circulação balizado, um entre-dois. Nesse momento, atravessa uma crise de pânico violenta, sendo socorrido na emergência de um hospital. A crise inicia no banheiro de sua casa, após ter assistido a um filme em DVD. Relata: “tudo ao redor começou a ficar estranho, eu não sabia mais onde estava, as paredes do banheiro se aproximavam...” Decide sentar-se e olhar novamente, quando então: “as paredes começaram a se afastar” e ele foi ficando “cada vez mais longe do mundo” até perder os sentidos. Passa da “inquietante estranheza” a um “estranhamento brutal” em um lapso de tempo. A idéia de que vai morrer lhe toma o corpo, e ele vivencia antecipadamente uma experiência de morte. O Eu se esfacela e não reconhece mais nada como familiar, nem mesmo o que poderia haver de mais *Heimlich*, mais íntimo, como o banheiro de sua casa. Parece-me ser uma experiência de borda diferente da alucinação, passando por uma criação imaginária de uma Outra realidade: seria a do estranho com efeitos constitutivos do narcisismo primário? Levo em conta a formulação de Mário Pereira (1999), no livro *Pânico e desamparo*, quando aborda a crise de pânico como a tentativa extrema de obtenção de certo domínio sobre o que escapa às possibilidades de simbolização. Como “um pedido de socorro para que o Outro possa de novo ocupar esse lugar onde faltam as respostas últimas a respeito do sexual do corpo”. O pânico fica colocado como uma manifestação de vida, ao contrário dos momentos de terror, em que o sujeito se vê paralisado frente à demanda excessiva do Outro.

Ao falar dessa experiência, Emerson não encontra nenhuma ponte com a temática do filme que havia visto naquela noite: filme de suspense e horror em que as pessoas eram transformadas em bonecos de cera! Temática do autômato recorrente não só em filmes de terror, mas também na literatura fantástica, como o estranho romance de Nataniel com a boneca Olímpia, do conto de Hoffmann<sup>4</sup> (2004).

Freud ([1914] 1974) situa no narcisismo primário o momento constitutivo em que o Eu ainda não se distingue nitidamente do exterior, sendo o surgimento da angústia um testemunho do excesso de semelhança, esfacelamento da imagem que poderia traçar suas bordas. Na experiência da “inquietante estranheza” ou do “brutalmente estranho”, conforme a fratura do tecido imaginário seja mais ou menos restrita, o que avança na cena é a emergência de um real não-simbolizado. Nos momentos de crise, o imaginário perde sua capacidade unificadora.

---

<sup>4</sup> Conto trabalhado por Freud no texto *O estranho*.

A invenção do duplo vem, portanto, encobrir parte do tecido rasgado, vem reconstituir um imaginário perdido. Repetição da semelhança, produzindo diferença. Surge como proteção à demanda avassaladora do Outro. Tentativa de representação, ainda frágil, mantendo seu caráter ilusório: estranha e necessária ilusão.

Com a queda de seu duplo, o vigilante, aparece um aumento das manifestações sintomáticas. Mesmo em sua fragilidade, o duplo lhe servia como garantia ilusória, como uma imagem que o representava para além de seu próprio corpo.

Freud ([1914] 1974) nos aponta a importância do narcisismo primário, momento fundamental na constituição psíquica, em que a criança se reconhece e se antecipa em uma unidade imaginária organizadora, mediada pela posição do olhar do Outro materno. É a partir da organização da imagem corporal que as representações vão se configurando. Momento de disjunção entre o eu e o corpo materno, a invenção do duplo serve para que sobrevivamos para além desse corpo, constituinte e alienante. O Eu surge como algo que o sujeito experimenta primeiramente como estranho, no interior de si mesmo. Pois é primeiramente em um outro, estranho, que o sujeito se vê.

Momento de disjunção (entre o eu e o Outro), em que o reconhecimento e a nomeação vindos do outro inauguram, ao mesmo tempo, a fenda e a ponte. Lacan ([1954-55] 1992) afirma, que o poder de nomear os objetos estrutura a percepção, que se sustenta, portanto, em uma zona de nomenclatura. A consistência e a permanência do Eu e dos objetos passam pela possibilidade de nomear. Lacan irá dizer que se o sujeito estivesse em uma relação narcísica, os objetos não seriam percebidos senão de forma instantânea.

É na fenda narcísica que se coloca a necessidade de representação, tentativa infinita de recobrir o que não cessa de não se inscrever, o Real. Campo fecundo para o nascimento de nossa estranha compulsão a produzir histórias, ficções, teorias infantis... Lugar do irrepresentável, que inicialmente se apresenta em estreita relação com o próprio corpo, a partir do encontro sempre faltoso com o sexual.

Nesse caso que venho trabalhando aparece essa cisão também na dificuldade do sujeito em produzir significação ao que lhe ocorre, dificuldade em associar as manifestações sintomáticas a alguma representação ligada a sua história, ou mesmo a acontecimentos do presente (como o filme, por exemplo). Emerson não achava explicação para todo esse mal-estar. “Logo com ele, que era uma pessoa muito boa, sem vícios: não fumava, nem bebia”.

No trabalho de reconstituição de sua história, tentativa de compor nos interstícios de suas imagens sua própria ficção, surge a lembrança de seu ape-

lido de infância: *Hulkinho*. Era o caçula dos *irmãos Hulk*: assim eram conhecidos, na sua cidade, seus irmãos mais velhos. Eles eram grandes e fortes e despertavam medo e respeito na região.

O *incrível Hulk* é um personagem das histórias em quadrinhos, criado em 1962, durante a guerra fria. O lado bom de Hulk é Bruce Banner, cientista preocupado com os rumos da América, que trabalha no desenvolvimento de uma arma capaz de destruir os armamentos da União Soviética, sem contudo atingir vidas humanas. Hulk surge de um acidente durante os testes da nova arma: em uma sala de experimentos, Bruce Banner é atingido pela “radiação gama”, que causa uma transformação radical em sua forma física. No início da história, Hulk mantém o lado bom de Bruce e acaba sendo responsável pela prisão de um espião que tentava roubar o conhecimento científico americano. Com o tempo ele foi adquirindo outros contornos. Na série para televisão, sua transformação é sempre associada à intensidade de sua raiva, a emergência de sua ira – como uma espécie de lado selvagem que emerge do personagem. Foi inspirada no clássico de R. L. Stevenson (1886), *The strange case of Dr. Jekyll e Mr. Hyde*<sup>5</sup>, produção literária importante na análise do tema do duplo. Nessa ficção, o duplo está relacionado à emergência de impulsos primitivos e violentos, que, aos poucos, vão prevalecendo sobre o “bem”, até, ao final da trama, restar só o monstruoso Hyde. Essa novela, escrita em 1886, já tão conhecida (contada e recontada pela literatura e pelo cinema) me surpreendeu quando encontrei, em uma leitura recente, os estranhos nomes escolhidos pelo autor, que de tão familiares, ficaram, de certa forma, escondidos. Refiro-me a Jekyll, nosso médico prestativo, cujo nome, no inglês, esconde o verbo *to kill*<sup>6</sup>. E Hyde<sup>7</sup>, como aquilo que estava **escondido e que não é mais possível esconder. O duplo aparece também nas escolhas dos nomes, que, por terem se tornado tão familiares, transformaram-se em uma espécie de nome-imagem, produzindo certa cegueira em nossos ouvidos.**

**Quando Freud ([1919] 1981) trabalha, na primeira parte do texto, a etimologia da palavra *Heimlich*, relaciona com o relativo à casa, ao doméstico; em continuidade ao selvagem, àquilo que um dia foi selvagem. E que pode, no entanto retornar a qualquer momento, como não nos deixa esquecer Mr. Hyde. Podendo mesmo se tornar tão poderoso, nos puxando o tapete e revelando nossa ilusória consistência egóica. Surge o descontrolado, o que rasga a cena, o desordenado, o imprevisível: aquilo que pode inclusive prevalecer, trazendo a morte, a destruição.**

<sup>5</sup> Título traduzido para o português como *O médico e o monstro*.

<sup>6</sup> *To kill*: matar, assassinar, destruir.

<sup>7</sup> *To hide*: esconder, ocultar, encobrir.

O nosso pequeno incrível Hulk relata, como sofrimento maior, a sensação de descontrole corporal, um medo disso que aparece no corpo e que ele não domina, não sabe o que é, como se fosse emergir algo ainda mais violento. Em uma sessão, me falava do olhar dos outros sobre ele: dizia que quando está em crise as pessoas o olham de um jeito estranho, um misto de medo e terror (como em sua chegada ao ambulatório). A partir disso, ele olha para seu próprio corpo, na expectativa de encontrar o de que se trata. Pergunto a ele o que poderia haver em seu corpo. Responde-me dizendo: “não sei... uma braguiha aberta, um tênis desamarrado...” Algo que se desprende e evidencia o sexual, daquilo que resta como real, não-simbolizado. E que, para nosso pequeno incrível Hulk pode se transformar em uma imensidão, que ocupa todo o espaço, provocando seu aniquilamento. Experiência de indeterminação do que pode vir a lhe representar no campo do Outro, o traumático rasgando a cena a galope.

Emergência de sua própria insuficiência simbólica para lidar com as exigências pulsionais, o pânico manifesta uma forma singular de fazer face à falta de garantias absolutas no que concerne à inscrição da sexualidade. Assim, na necessidade de criação de uma representação corporal que nos proteja da morte, pode advir a suplência de um duplo, como tentativa de representação e como suporte necessário para a veiculação do significante.

Imagino Otto Rank deixando, na Paris de 1914, a sessão de cinema, em que assisti ao *Estudante de Praga*, tomado por um turbilhão de idéias. Não vale esquecer que estamos nos primórdios do cinema, às voltas com um filme que é mudo, em que a sequência de imagens clama por significações, convocando o espectador a completar a cena, mas para além do olhar, fazendo reverberar essas histórias maravilhosas que seguimos nos contando, e que também chamamos de ficções, performativas de nossa Outra cena.

#### REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. In: BRAYNER, Sônia (org.). *O conto de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- FREUD, Sigmund. Lo siniestro [1919]. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas Sigmund Freud*. Tomo III. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva, 1981.
- FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: uma introdução [1914]. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas Sigmund Freud*. Volume XIV. Rio de Janeiro : Ed. Imago. 1974.
- HOFFMANN, Ernest Theodor Amadeus. O homem de areia. In: CALVINO, Ítalo. *Contos fantásticos do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* [1954-55]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia* [1962-63]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

O pequeno incrível Hulk... ■

PEREIRA, Mário Costa. *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta, 1999.  
RANK, Otto. *El doble* [1914]. Trad. Floreal Mazia. Buenos Aires: Orion, 1976.  
STEVENSON, Robert Louis. *O médico e o monstro*. São Paulo: Estação Liberdade, 1986.

Recebido em 15/12/2007  
Aceito em 03/03/2008  
Revisado por Maria Ângela Bulhões

**TEXTOS**

## PETER PÂNICO<sup>1</sup>

Otávio Augusto Winck Nunes<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir de um caso clínico que chega para a análise com diagnóstico de síndrome do pânico, o autor examina a relação e o relevo atribuídos ao corpo no momento de eclosão de uma crise de angústia. Questiona, também, sobre qual o lugar do sujeito e do objeto a numa crise de pânico.

**Palavras-chave:** pânico, angústia, corpo, falo imaginário.

### PETER PANIC

**Abstract:** From a clinical case that arrives to analysis with the diagnosis of panic disorder, the author examines the relation and relevance alleged to the body in the moment of an anxiety crisis eclosion. It also questions upon the place of the subject and the object a in a panic crisis.

**Keywords:** panic, anxiety, body, imaginary phallus.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA – *Angústia*, realizadas em Porto Alegre, outubro de 2007.

<sup>2</sup> Psicanalista; Membro da APPOA; Mestre em Psicologia do Desenvolvimento, UFRGS; Mestre em Psicanálise e Psicopatologia, Universidade Paris 7. E-mail: otaviown@terra.com.br

*Estamos em tão grande perigo como se não tivéssemos chegado a sair da quinta, se ontem não nos encontraram, encontram-nos amanhã. Mas este lugar onde estamos, como se chama, Todo lugar da terra é antecâmara do inferno, umas vezes vai-se morto a ele, outras vai-se vivo e a morte é depois que vem, Por enquanto ainda estamos vivos, Amanhã estaremos mortos*  
(José Saramago, *Memorial do convento*, p.197).

**E**sse diálogo travado entre personagens do livro de Saramago, *Memorial do convento* (2002), mesmo que pouco alentador, é, sem dúvida, revelador da nossa frágil condição subjetiva ou, como diz Lacan ([1962-63] 2001, p. 154), “do vício da estrutura”. Não saber onde se está, qual é o lugar em que nos encontramos e, por outro lado, saber qual o tempo de que dispomos para viver ou o momento em que a morte chegará é, por demais, inquietante. Representa um grande perigo. Disso não se duvida.

Nesse sentido, a abolição dos eixos referenciais de tempo e de espaço é um fator decisivo, na tentativa de circunscrever a dimensão de crise subjetiva que os chamados ataques de pânico provocam. Sabemos que a ruptura, o banimento dessas referências, incide de maneira decisiva e traumática na estrutura de muitos sujeitos e que a repercussão disso na esfera corporal é por vezes inominável. O medo de esfacelamento, de aniquilamento subjetivo e corporal é, por demais, aterrorizante. E é a partir da suspensão dessas referências que gostaria de problematizar o lugar, a posição que assume o corpo, quando a angústia caracteriza-se como pânico.

É bastante corriqueiro aparecer nos relatos dos pacientes que sofrem de síndrome do pânico a imagem do excesso, do transbordamento, de um afeto angustiante que invade o corpo. Isso ocorre pelo intenso temor que se presentifica cada vez que as referências às dimensões espaciotemporais ficam anuladas. Então, não saber mais onde e em que dia se está, por uma fração de segundos, quando irrompe uma crise, é bastante comum. Talvez possamos afirmar que tudo o que excede numa crise de pânico encontra um inevitável desdobramento corporal: o corpo parece que vai explodir frente à possibilidade da implosão do sujeito.

Nos casos de síndrome do pânico, é impossível não lembrar do caráter emergencial, da urgência com o que o real exige uma resposta do sujeito. Seja ela eficiente ou não, o tempo é sempre urgente. Talvez seja essa urgência em procurar defesa que coloca o corpo na perspectiva de que ele fará a borda necessária para a contenção da angústia. Um outro componente a ser avaliado é que Lacan não descarta de modo algum considerar os elementos que estão

presentes e que são relativos à locomoção no espaço, quando se está às voltas com a angústia; seja pelo impedimento, seja pelo *acting-out*, ou mesmo pela passagem ao ato. Em todos esses casos, é o corpo que aparece. E nesse sentido, o risco de morte não é nada desprezível.

Essa questão, dentre outras surgidas pela leitura do seminário *A angústia*, de Jacques Lacan ([1962-1963] 2001), teve seu desdobramento, também, a partir de um paciente que me procura para análise já com o diagnóstico de síndrome de pânico. Então, é a partir desse caso, desse paciente que nomeei de Peter Pânico, e do diálogo com o seminário de Lacan, que algumas reflexões tomaram *corpo*.

Trabalho essa questão a partir de Peter Pânico, obviamente, pela associação ao personagem da história de James M. Barrie ([1937] 2006), o famoso Peter Pan, menino que tinha medo de crescer, de perder seu corpo infantil e de se tornar um homem com barba na cara. Menino que, ao ouvir seus pais falarem das perspectivas de seu futuro, resolveu fugir de casa, recusando-se a assumir as responsabilidades que a vida adulta lhe exigiria, já que perderia as supostas benesses da vida infantil. Refugiando-se, então, na Terra do Nunca.

A outra associação imediata foi com o deus Pã (Bulfinch, 1998), divindade rural grega, cujo corpo dividia-se em metade-homem, metade-bode, metade-civilizado, metade-selvagem. Deus da natureza, que atemorizava pela aparição brusca e repentina, que mais assustava seus súditos do que atendia a seus pedidos e súplicas. Reza a lenda que o deus Pã, vocábulo que significa *tudo*, foi reconhecido pelo uso da força física para saciar seu apetite sexual, fato bastante difundido entre os seus seguidores, o que só aumentava, então, a sua fama de provocar medo, temor e pânico. Mas Pã provocava medo e temor, principalmente, pelo aparecimento abrupto do seu corpo, o susto que provocava em quem o via aparecer em seu caminho, mesmo que soubessem dessa possibilidade. Pã, de súbito, precisava no momento de sua aparição de como uma referência espacial: onde não havia nada, eis que ele aparece!

Aproveito, também, para refrescar a memória de alguns, lembrando o livro *Complexo de Peter Pan*, lançado em meados da década de 80 pelo psicólogo americano Dan Kiley, o qual tinha por tese a idéia de que, em geral, os homens sentem medo de crescer, por isso essa roupagem infantil e imatura das relações, comportando-se como adolescentes.

Em que pese ser essa uma observação muito comum, sabemos não ser disso que se trata. Basta lembrar o que vários trabalhos publicados pela APPOA indicaram, tanto na Revista *a masculinidade* (2005), quanto no livro *Masculinidade em crise* (2005), para sabermos que a questão da masculinidade tem uma vertente bem mais caudalosa que o simples medo de amadurecer.

Mas nem a literatura nem a mitologia – produções da cultura – estão tão distantes da clínica psicanalítica; pelo contrário, a articulação é próxima e muito bem-vinda. E os exemplos acima ilustram bem como a questão do pânico se apresenta. Ou seja, o atordoamento subjetivo intempestivo, quando a angústia irrompe, seja ocasionado pela passagem do tempo, no caso de Peter Pan, seja pelo aparecimento súbito do deus Pã, desencadeando a explosão das referências espaciotemporais, tão caras a qualquer sujeito.

Durante o período que Peter Pânico ficou em análise (cerca de um ano e meio), contando com aproximadamente 45 anos, orgulhava-se por não carregar no seu corpo as marcas do tempo que passa. Sua aparência não correspondia ao que se imagina de um homem da sua idade, aparentando ter bem menos. Vestia-se, portanto, coerentemente com essa lógica, ou seja, bermuda, camiseta, tênis e o indefectível boné. Mesmo que isso seja comum, não deixava de ser um traço característico em seu discurso, que Peter não cansava de lembrar. Na verdade, o que ele mais reivindicava da juventude perdida era o vigor físico, a força que tinha. Força que o ajudou a salvar um de seus irmãos (paraplégico) de um afogamento, e também a enfrentar o serviço militar. Nessas duas situações estava presente a lembrança de ter correspondido ao ideal de um vigor físico que, no momento da crise de pânico, revelava um corpo fragilizado, como já ocorrera quando esteve doente. De qualquer forma, a satisfação da demanda do Outro materno, ao salvar o irmão, ou a do Outro institucional, ao cumprir sua obrigação militar, estavam preservadas ou salvaguardadas.

Vigor físico que, respondendo ao desejo de suas ex-mulheres, o fez pai ou genitor de cinco filhos. A imprecisão quanto a sua posição enunciativa é proposital.

O tempo, que parecia não tocar no corpo de Peter – teria forças para resistir a sua passagem? – tinha, por outro lado, um deslizamento significativo assustador: o temporal. Quando o *tempo mudava*, quando o *tempo se armava para temporal*, Peter desesperava-se, ficava sem forças para enfrentá-lo no verdadeiro campo de batalha que se montava. A angústia não dava trégua, levando-o, muitas vezes, a colocar sua vida em risco.

Nesse ponto, a lembrança com o personagem do livro não é mera coincidência, meu paciente não podia se refugiar na Terra do Nunca, espécie de paraíso infantil. Lá, o destemido Peter Pan estava protegido, o tempo não passava, não constituindo memória, nem para envelhecer. Por outro lado, o tempo, marcado pelo barulho do relógio, era o que fazia o Capitão Gancho pressentir que seu maior inimigo se aproximava: o crocodilo. Gancho já havia perdido uma parte de seu corpo. Peter Pan, por sua vez, lutava para preservar o seu como infantil, para dele nada perder. De qualquer forma, a vida não imita a arte, a

narrativa do romance não encontra correspondência em Peter Pânico, pois seu corpo falhava, a idéia da unidade corporal de Peter, nos momentos de crise ficava em perigo.

No seminário *A angústia*, Lacan ([1962-63] 2001) retoma a experiência do estágio do espelho para re-situar dois de seus elementos. Um é a formação da imagem especular, o outro é o corte operado pelo significante. A articulação entre esses dois elementos é determinada não só pela “boa” posição do olho, mas também pelo tempo, pelo momento preciso em que a mãe confirma para seu filho: “Sim, és tu!”. O problema disso é o *vício da estrutura*, citado anteriormente. Ou seja, a condição subjetiva está calcada na existência de uma divisão entre o sujeito primitivo e o Outro, campo da linguagem. É da incidência da linguagem, campo do Outro, sobre a imagem de um corpo completo que se produz um resto. Dessa operação, o sujeito não sai ileso. Assim a formação subjetiva está diretamente associada a um corte, a uma cisão provocada pelo significante sobre a imagem idealizada.

O primeiro ataque de pânico de Peter foi desencadeado na seguinte circunstância: corria atrás de um ônibus, na Avenida Farrapos, pois estava atrasado, sem tempo para chegar ao seu destino. Não conseguindo alcançá-lo, Peter, que havia exigido um pouco mais do seu corpo ao correr, começa a sentir-se muito mal. Palpitação, sudorese, falta de ar, etc. Fica completamente desorientado, aos farrapos. Todo o conhecido quadro de manifestações descritas por Freud e nomeadas como neurose de angústia, como se pode ver, permanecem atuais.

A necessidade de exigir mais do seu corpo o remete a uma situação traumática, ocorrida anos antes. Contava com pouco mais de 20 anos quando descobre que é portador de rara doença, auto-imune, que lhe exige um tratamento por longos anos e da qual teve alta pouco antes de me procurar. Doença que, por pouco, não o leva à morte<sup>3</sup>. Nessa situação, Peter, consegue reverter o destino mortífero que se anunciava. O convívio hospitalar durante esse período leva-o a interessar-se pela profissão de técnico de enfermagem, a qual começa a exercer com bastante desenvoltura. Inicia a trabalhar num hospital público, no setor de emergência (como não poderia deixar de ser). Trabalha com dedicação e esmero, obtendo muito reconhecimento. Ocupa-se com o que há de mais

---

<sup>3</sup> Peter já havia se submetido a um processo terapêutico anterior, durante o tratamento dessa enfermidade, que foi interrompido após contrair uma dívida que não conseguiu saldar.

complicado no hospital: vítimas de tiros, de facadas, de acidentes, de crises cardíacas, tratando de salvar a vida de muitos com o maior profissionalismo, não se assustando com nenhum desses quadros.

Por outro lado, quando muda o tempo, anunciando a iminência de um temporal (chuva, vento, raios e trovões) é ele quem fica aturdido, à beira da morte, precisando de cuidados. Duas das piores crises ocorreram nas seguintes situações. As duas se passaram dentro do carro – aqui a relação com o deslocamento é marcante – acompanhadas de brusca mudança climática e previsão de temporal. Peter estava na direção, na primeira delas em frente ao Hospital de Pronto-Socorro, preso num engarrafamento e com seu pai ao lado. Não sabe o que fazer quando pressente que uma crise de pânico se desencadeará, com a ameaça de morte eminente. Como proceder? Fica completamente perdido, sem saber onde buscar apoio. Pensa em abandonar o carro, o pai, sair correndo. Entrar no hospital para pedir ajuda, mesmo que soubesse que isso em nada ajudaria. Não sabe dizer como a crise acaba cedendo.

Quando pergunto pela presença paterna, diz: “Ele já está velho, aposentado, não conta mais”. A passagem de tempo para o pai servia para reforçar a idéia da impotência e, portanto, sua presença aparentemente tinha pouco valor. Cumpre ressaltar que em relação à mãe a referência é semelhante. Se a impotência paterna é dada pela idade e pela falta de trabalho, a impotência materna, nessa altura, aparece também, pela sua fraqueza física. Já não consegue fazer o que seu corpo fazia antes, ou seja, manter a casa limpa; aliás, essa é uma das tarefas que executa nos períodos em que “mora” com os pais. A única associação estabelecida nas cenas de pânico é a ambivalência em relação ao seu corpo: deve movimentar-se ou ficar parado.

Noutra situação, Peter está saindo de um aniversário, num local retirado, com seus cinco filhos e a namorada, quando um temporal se aproxima. Então, outra vez, a crise ocorre. Nesta, sai do carro. Não sabe se abandona a todos.

Por certo, nessas duas cenas, a relação à paternidade fica evidente. Mesmo que muitas vezes ela possa ser questionada do ponto de vista da eficácia, a paternidade não deixa de estar presente. Talvez seja essa a possibilidade de reorganização de Peter que lhe permita sair do estado em que se encontrava. O problema para ele é que isso não parecia ser definitivo, havendo a considerar que o significante paterno talvez deixasse tênues vestígios de sua operação.

Pensaria, a partir dessas situações, levando em consideração o estádio do espelho, que o corpo – enquanto imagem idealizada – funciona numa espécie de registro do automatismo da repetição, do puro gozo, portanto no registro

do real. A falta da eficácia, ou a tênue incidência do significante paterno ameaça o sujeito diante da possibilidade da fragmentação corporal. Ocorre que o corpo de Peter Pânico, como um todo, se revestido imaginariamente, aparece muito mais no registro do organismo – cuja ameaça de despedaçamento pode ser iminente – do que do corpo erotizado, portanto faltante, produto da operação de divisão que o torna desejante.

Esse revestimento fálico do corpo total, sem falha, resulta na irrupção da angústia, já que o corpo não apareceria de maneira fragmentada ou parcial, como é a característica do objeto pulsional que será organizado pelo significante. O apelo ao significante seria a forma de compor o domínio desse corpo, mas ele revela-se frágil na sua função.

No pânico, no epicentro da crise, o sujeito aparece como um todo, como um objeto positivado. A melhor imagem que encontro para ilustrar isso é a referência feita por Peter Pânico sobre o desencadeamento de suas crises. Pensa sempre em sair correndo sem direção alguma, correndo, provavelmente, em direção à morte. Ou seja, o oferecimento do seu corpo, em forma Real, ao que o Outro desejaria.

Essa idéia parece ser representativa ao pensar na divisão entre interior-exterior. A corrida de Peter pelo espaço é a resposta a sua própria desintegração pulsional, a sua própria impotência. Se tomar o espaço como o corpo do Outro, os dois corpos apresentam-se nos momentos de crise quase sem recorte, quase sem borda. Para ilustrar isso, é fácil ver que sem a luz solar, oculta pelo temporal, o corpo de Peter não faz sombra. Ele ficaria subsumido pelo Outro.

Logo no início do livro, Peter Pan desespera-se, chora ao perder sua sombra. Quando Wendy, maternalmente, a costura de volta no pé de Peter Pan, ele se recompõe, seu corpo volta a ter uma re-incidência no espaço.

Lacan diz, no seminário *A angústia*, contrapondo-se à leitura única de que a angústia irromperia frente à ameaça da castração, que: “o neurótico recua, não é diante da castração, é de fazer da sua castração, a sua, o que falta ao Outro, é de fazer de sua castração algo de positivo que é a garantia desta função de Outro” (Lacan, [1962-63] 2001, p. 56). E nesse sentido, o que faz castração imaginária a Peter é sua impotência, seu esmorecimento frente ao Outro. Oferece seu corpo para preencher o que falta ao Outro, pois a morte não seria, nesse caso, relativa à castração, mas, sim, ao Real.

O pecado não existe, só há morte e vida, A vida está antes da morte, enganas-te, Baltasar, a morte vem antes da vida, morreu quem fomos, nasce quem somos, por isso é que não morremos de

vez, E quando vamos para debaixo da terra, e quando Francisco Marques fica esmagado sob o carro de pedra, não será isso morte sem recurso, Se estamos falando dele, nasce Francisco Marques [...] (Saramago, 2002, p. 322).

E, aqui, Peter Pânico!

REFERÊNCIAS:

- Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org.). *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – a masculinidade*, APPOA, Porto Alegre, n. 28, abr. 2005.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Masculinidade em crise*. Porto Alegre : APPOA, 2005.
- BARRIE, James Matthew. *Peter Pan*. São Paulo: Salamandra, 2006.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia; histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- LACAN, Jacques. *Le séminaire, livre 10: l'angoisse* [1962-63]. Paris: Éditions de l'Association Freudienne Internationale, 2001. Publicação não comercial.
- SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Recebido em 3/12/2007

Aceito em 11/01/2008

Revisado por Valéria Rilho

**TEXTOS**

**VERGONHA,  
OLHAR E ANGÚSTIA<sup>1</sup>**

José de Araújo Filho<sup>2</sup>

**Resumo:** O olhar tem função crucial no circuito pulsional do sujeito. Nas operações do sujeito, em sua relação com o olhar, encontramos a fenda aberta pela intromissão do significante e a queda do objeto a. A vergonha e a angústia são afetos sentidos pelo sujeito que decorrem da intromissão do significante e da queda do objeto. Vergonha e angústia são respostas do sujeito à incidência da castração.

**Palavras-chave:** vergonha, olhar angústia, desejo, castração.

**SHAME, LOOK AND ANGUISH**

**Abstract:** The look has a crucial function in the circuit of the subject. In the subject's operation in its relation with the look, we find a flaw opened by the intrusion of the significant and the fall of the object a. Shame and anguish are affections felt by the subject that elapses from the intrusion of the significant and the fall of the object a. Shame and anguish are the answer of the subject to the incidence of the castration.

**Keywords:** shame, look, anguish, desire, castration.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA – *Angústia*, realizada em Porto Alegre, outubro de 2007.

<sup>2</sup> Psicanalista; Mestre em Psicologia pela PUC-RJ; Membro do Laço Analítico Escola de Psicanálise – sede de Cuiabá; Professor de Psicopatologia no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais de Florianópolis (CESUSC). E-mail: josearaujo@cesusc.edu.br

A clínica psicanalítica das neuroses recorrentemente se depara com o afeto da vergonha e vêem-se deslindar, no trilho discursivo do analisante, os mais variados encadeamentos em que a vergonha incide no sujeito. Desses encadeamentos, um me suscitou a seguinte questão: por que o sujeito, ante a particularidade de suas relações com o Outro, estando no enquadramento da angústia, é afetado pela vergonha, não precipitando, portanto, na angústia?

Freud freqüentemente associou a vergonha ao pudor articulado ao desvelamento dos desfiladeiros da sexualidade. É nos sonhos de exposição da nudez que Freud assinala o ponto central que evidencia o afeto da vergonha. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* ([1905] 1987), a vergonha, a repulsa e a moralidade são “entraves no caminho da pulsão sexual” e na *Análise leiga* ([1926] 1987) elas são, mais ainda, “alicerces no caminho dos desejos”. Que a vergonha, a repulsa e a moralidade tenham função de entrave é dado na experiência, mas que sejam alicerces nos destinos da pulsão e do desejo, ah!, isso parece estranho. No entanto, é singularmente evidente que Freud, ao emparelhar vergonha, repulsa e moralidade, faz de cada uma delas algo distinto das outras. A vergonha não é repulsa nem moralidade, mas, em seu emparelhamento, repulsa e moralidade contaminam a vergonha, imprimindo um vínculo com o pudor, cada qual a seu modo, e submetido ao circuito do sujeito em sua relação com o Outro.

Há na vergonha marcante presença de pudor, mas há também uma distinção qualitativa entre ambos. Espinosa define o pudor como “a tristeza acompanhada da idéia de alguma ação nossa que imaginamos que os outros censuram” e o distingue da vergonha, na medida em que esta “é o medo ou temor do pudor que refreia o homem e o impede de cometer qualquer coisa torpe” (Espinosa, 1983, p. 218). A vergonha é o temor extraído do pudor, barrando a obscenidade na cena. Do modo como a definição de pudor é formulada, a vergonha está devidamente enquadrada, pois ela emerge na cena do mundo sob as balizas do sujeito e do Outro. A vergonha coberta pelo pudor advém quando o sujeito encontra o Outro de um modo bem particular. Ela é o efeito da presença (particularizada) do Outro<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> O efeito da presença particularizada do Outro é depreensível das operações do segundo andar do grafo do desejo, onde ali no encontro da linha-seta do sujeito com a linha-seta da cadeia significante, inscreve-se a pulsão (S [sujeito] barrado punção de Demanda) num ponto e o S (significante) de A (grande outro) barrado, no outro ponto retroativo e simultâneo. Na linha subsidiária a esse duplo encontro, linha imaginária, o desejo está alinhavado à inscrição do fantasma (S [sujeito] barrado punção de a [objeto a]). O grafo do desejo é desenvolvido por Lacan em seu seminário sobre *As formações do inconsciente* ([1957-8] 1999) e em seu escrito *Subversão do sujeito e dialética do desejo* ([1960], 1998).

Pensar na censura como provocadora da vergonha coberta pelo pudor é localizar no Outro um *modus operandi* de agenciamento. Cabe bem aos efeitos do pudor a censura proveniente do Outro, como bem atestam os neuróticos de Freud e os nossos também, mas aí parece haver um enredamento da vergonha com a culpa<sup>4</sup>. No entanto, o intento em distinguir vergonha e pudor dá-se na medida em que na vergonha há um adicionamento de temor ao pudor, provocando um barramento da obscenidade<sup>5</sup>. Creio que Espinosa e Freud quase se encontram nesse ponto dissipado, no giro instantâneo: a vergonha barra a obscenidade. Enquanto, no pudor, o ser do sujeito é tocado (afetado) pelo rubor, na vergonha o sujeito está aterrado em seu ser – o sujeito sente vergonha do que é ou do que faz.

Espinosa está noutra prumo, no que tange a tirar as conseqüências disso, sem nenhum demérito ao filósofo, mas acontece que a materialidade linguageira do inconsciente só pôde constituir-se pelas vias desbravadas por Freud e avançadas por Lacan, o que faz toda a diferença. Porém, a noção da vergonha coberta pelo pudor, mais do que acentuar a censura, revela na estrutura do Outro uma função operatória no sujeito, pois esse Outro, a despeito da censura, é um Outro que olha. Nesse sentido, “a vergonha tem relação com um Outro anterior ao Outro que julga, um Outro primordial que não julga, apenas vê e dá a ver” (Miller, 2004, p.126).

A função do olhar é ponto pivô nas incidências da vergonha e da angústia, e na assunção do gozo e do desejo. A entrada da angústia de forma abrupta, nesse momento do texto, não se resolve por ser parte integrante do tema deste trabalho, mas por chegarmos a um ponto nodal: o olhar provoca vergonha e angústia, não por decorrência de uma na outra, mas por uma clivagem operatória de sua função. Dito de outro modo, a pulsão escópica, na medida em que em seu circuito dialetizam-se a função do objeto a e da imagem especular, situa as injunções e disjunções do olhar do Outro e o que disso provoca vergonha e angústia, modo pelo qual a relação do sujeito com o Outro responde aos efeitos do significante e do objeto a no corpo.

O olhar é esse ponto em que o sujeito constitui sua cena no mundo, onde “encontra o mundo como espetáculo que o possui” (Lacan, [1963-62] 2005, p. 68). O sujeito fia-se, pela dialética do ver-ser visto, na miragem do desejo, na

<sup>4</sup> Miller, em seu artigo sobre *A vergonha e a honra*, faz uma indicação que abre para a articulação disjuntiva da vergonha com a culpa. Diz ele, “a culpa é uma relação com o desejo, ao passo que a vergonha é uma relação com o gozo” (Miller, 2004, p.126).

<sup>5</sup> O pudor, sem vergonha, não barra a obscenidade.

medida em que se vê desejado, mesmo que isso implique que não consiga ver o que o Outro quer dele. A incidência do que quer o Outro faz emergir, pelo registro imaginário, aquilo que ao sujeito escapa. Essa operação enigmática na função do olhar abala a posição do sujeito, tendo em vista que lá onde é capturado pelo fascínio há algo que se perde, que sai do mundo, que está fora de lugar e que é propriamente o objeto *a*. O olhar, em sua função, é um ponto no espaço especularizável, atingido pelas incidências do não-especularizável.

O circuito do ver e ser visto compreende, de modo fundamental, o drama humano, por estar em jogo um espiar aquilo que, simultaneamente, está e não está ali, um *vê* a velar a subsistência do engodo imaginário. Há uma dimensão essencial que salta nesse jogo, qual seja: a situação da surpresa, de uma descoberta inesperada no desvelamento da cena, que aparece nesses movimentos dialéticos do olhar<sup>6</sup>.

Lacan reporta-se à análise fenomenológica do olhar empreendida por Sartre, em *O ser e o nada*, para dela extrair as conseqüências precisas descritas sobre o olhar, de modo que a fenomenologia da vergonha e do pudor é ali posta em relevo. Lacan destaca, nessa análise, primeiro o fato de que é um objeto que olha e depois articula o que elide no olhar, o que escapa, o que não é apreensível especularmente. Eis como ele nos apresenta, em dois momentos, o que é reconhecido na análise sartriana:

Posso me sentir olhado por alguém de quem não vejo nem mesmo os olhos, e nem mesmo a aparência. Basta que algo me signifique que há outrem por aí. [...] A partir do momento em que esse olhar existe, já sou algo diferente, pelo fato de que me sinto eu mesmo tornar-me um objeto para o olhar de outrem (Lacan, [1953-4] 1983, p. 246).

O olhar [...] é o olhar pelo qual sou surpreendido [...]. O olhar teria aí um tal privilégio que chegaria até a me fazer escotomizar, eu que olho, o olho daquele que me olha como objeto. No que estou sob o olhar [...] não vejo mais o olho que me olha, e se vejo esse olho, então é esse olhar que desaparece (Lacan, [1964] 1998, p. 83).

<sup>6</sup> Lacan desenvolve essa articulação a propósito do exibicionismo em seu seminário *A relação de objeto* ([1956-57] 1995).

Quando o sujeito é subitamente tomado pelo efeito de surpresa, que emerge no circuito do ver e ser visto, o que o abate porta a seguinte formulação: “o olhar se vê” (Lacan, [1964] 1998). É um olhar situado, pelo sujeito, em algum ponto no campo do Outro. Podemos localizar, aqui, uma clivagem operatória na função do olhar, pois o sujeito é abatido a um quê de vergonha. Na vergonha, ele encontra o que nele há de mais íntimo, levando-o a pôr o seu mais íntimo em reserva. Disso decorre que a obscenidade é barrada porque a vergonha está em circulação.

O efeito inesperado de surpresa que descortina a cena faz com que, em suas frestas, apareça subitamente outra coisa, e a resposta do sujeito a esse encontro não seja a vergonha. Trata-se, pois, do lugar da angústia. O que toma o sujeito, nesse efeito de surpresa, é a presença de algo radicalmente inédito. O que aparece na fresta da cena não engana e ao mesmo tempo lança o sujeito na pressa de máximo movimento e maior dificuldade<sup>7</sup>.

Quando se está angustiado, há pressa para que esse troço dilacerante acabe logo. O sujeito, habitualmente, se apressa em recobrir esse dilaceramento, recorrendo ao que está imediatamente a seu alcance, ou seja, busca abrigo no sintoma e-ou na fantasia. Uma psicanálise, ao contrário, dá suporte para que o sujeito faça algo de inabitual com sua angústia: ao invés de recobri-la, atravessá-la<sup>8</sup>. A angústia antecipa a certeza e desnodula o im-passe do sujeito (em linha tênue do trapézio sem redes de proteção). Ora, não será o momento de concluir a certeza antecipada que possibilita que o sujeito atravesse a angústia com o ato do desejo?

Na lição de 19 de dezembro de 1962, Lacan articula, de modo fundamental, que na angústia o que opera é a *a*-parição do *unheimlich* nas frestas da cena. No conto do *Horla*, de Maupassant (1999), o que se apresenta, no limiar do visível e do invisível, é da ordem do íntimo como outro. Esse visitante soturno e inesperado aterra o personagem na angústia. Nesse sentido, pode-se dizer que o corte do significante faz sulco no real e apressa a aparição do objeto a por meio desse visitante estranhamente íntimo. Tal advento inesperadamente familiar lança o sujeito a pescar sua certeza.

Por fim, encontramos outra clivagem operatória na função do olhar. A emergência desse outro, estranhamente íntimo, revela um desacoplamento no

<sup>7</sup> No trabalho que apresentei na Lacanoamericana de Florianópolis (2005) sob o título *A função da pressa, a certeza e a angústia*, procurei articular as incidências do enquadramento da angústia desenvolvidas por Lacan no Seminário 10, livro: a angústia.

<sup>8</sup> O que segue no próximo parágrafo é extraído do referido trabalho na nota anterior.

nível da imagem especular. Há aí uma disjunção entre o objeto a e a imagem, tendo em vista que o duplo do *unheimlich* configura um golpe que faz cair o objeto a como suporte à relação especular enredada no engodo. O sujeito fica sem ter no que se segurar e sem rede de proteção.

A cada vez que, subitamente, por algum incidente fomentado pelo Outro, sua imagem no Outro aparece para o sujeito como privada de seu olhar, toda a trama da cadeia da qual o sujeito é cativo se desfaz, e é o retorno à angústia mais básica. (Lacan, [1963] 2005, p. 69).

Para concluir gostaria de assinalar dois dos aspectos da clivagem operatória na função do olhar, no que diz respeito à vergonha e à angústia. Primeiro: Lacan, no quadro da angústia ([1962-63] 2005, p. 89), articula inibição, sintoma e angústia em três incisões na linha da dificuldade e na coluna do movimento, de modo tal que seus lugares são platôs articuláveis que se destacam. No primeiro platô, quanto ao movimento e à dificuldade, está o lugar da inibição; no segundo, com mais movimento e dificuldade, está o sintoma; e, no terceiro, com o máximo de movimento e de dificuldade, está a angústia. A clivagem operatória na função do olhar incide entre os platôs do sintoma, lugar em que o afeto da vergonha se situa, e da angústia<sup>9</sup>. Segundo aspecto: a vergonha parece incidir num ponto em que o “olhar se vê” desvelado na intimidade de seu ser – ponto de basta para além do pudor. Não havendo mais vergonha nesse desvelamento, é a corrida frenética da obscenidade que pipoca no enquadre do drama humano. E a angústia incide num ponto em que o olhar é extirpado – ponto agudo do temor de castração. É o *Homem de areia* que vem arrancar o olhar da criança, caso seus olhos não se recolham para o sono dos anjos. Vergonha e angústia são respostas do sujeito à presença da castração.

Na pressa visceral da angústia nada como o trabalho. Mas na pressa de fazer desaparecer a vergonha, penso na musicalidade de Paulinho da Viola e nos versos “faça como o velho marinheiro, que durante o nevoeiro, leva o barco devagar”.

<sup>9</sup> Quanto à relação do pudor com a vergonha, penso que no quadro da angústia o pudor situa-se no platô da inibição. Desse modo, a distinção entre pudor e vergonha é correlata à distinção entre inibição e sintoma.

■ José de Araújo Filho

#### REFERÊNCIAS

- ESPINOZA, B. Coleção *Os pensadores*. 3. ed., São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* [1905]. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 8
- \_\_\_\_\_. *A questão da análise leiga* [1926]. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 20.
- LACAN, J. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* [1953-54]. 3ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 4: a relação de objeto* [1956-57]. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* [1957-58]. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Subversão do sujeito e dialética do desejo* [1960]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, JZE, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 10: a angústia* [1962-63]. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- MAUPASSANT, Guy de. *Contos fantásticos: o Horla e outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- MILLER, J-A. Sobre a honra e a vergonha. In: Lacan, Jacques. et al. organização Jacques-Alain Miller. *Ornicar?* Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

Recebido em 09/11/2007

Aceito em 11/08/2008

Revisado por Inajara Erthal Amaral

**TEXTOS**

## **CAMINHOS DA ANGÚSTIA NA REDE ASSISTENCIAL DE SAÚDE PÚBLICA<sup>1</sup>**

Elaine Rosner Silveira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda a angústia nas teorias de Freud e de Lacan, e os caminhos que a pessoa em sofrimento psíquico, percorre na rede assistencial de saúde pública, bem como a relação dessa organização assistencial com a noção de ciência moderna.

**Palavras-chave:** angústia, saúde pública, saúde coletiva, ciência.

### **THE WAYS OF ANGUISH IN THE PUBLIC HEALTH ASSISTENCE**

**Abstract:** This article is about the anguish in the theory of Freud and Lacan and the ways that the person in psychic suffering and/or anguish run in the public health assistance, as the relation of this assistencial organization with the modern science.

**Keywords:** anguish, public health, collective health, science.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA – *Angústia*, realizadas em Porto Alegre, outubro de 2007.

<sup>2</sup> Psicanalista; Membro da APPOA; Psicóloga; Doutoranda na Faculdade de Educação/UFRGS. E-mail: rosil@portoweb.com.br

### **Caminhos da angústia na rede assistencial de saúde pública**

A idéia deste trabalho é tratar um pouco dos caminhos que a pessoa em sofrimento psíquico, percorre na rede de assistência à saúde na área pública, começando pela formulação de um caso e abordando a relação dessa configuração assistencial com a noção de ciência moderna que partilhamos.

Um homem que vou chamar de José, de 43 anos, branco, procura o serviço ambulatorial de saúde mental. Vem encaminhado do serviço de Pronto-Atendimento em Saúde Mental, onde foi diagnosticado síndrome do pânico e prescrito uso de Fluoxetina e Rivotril. Lá foi registrado em seu prontuário que tem crises que duram de quinze a trinta minutos, quando sente que vai enfartar, tem tremores e leve sudorese. Do serviço de Pronto-Atendimento foi encaminhado para o CAPS, mas, como não se encaixa no tipo de casos que atendem, foi reencaminhado de lá ao ambulatório de saúde mental, onde é acolhido por mim, e inicia atendimento. Relata medo de morrer e problemas gástricos iniciados há alguns meses; fez exames que não acusaram nada; também sente um ar no cérebro, que lhe traz mal-estar. Trabalha como vendedor e tem cinco filhos. Muitas vezes não consegue trabalhar, pois está com dificuldade de prestar atenção no que o cliente fala. No decorrer do tratamento descreve, em diferentes situações, outros sintomas associados, como embaralhamento da vista e tontura, o que faz pensar em sintomas histérico-conversivos, mas parece que esses sintomas estavam sendo intercalados por crises de angústia como a que o levou ao serviço de pronto-atendimento.

Durante o tratamento, apareceram falas em relação aos filhos mais velhos (um rapaz e uma moça); sente-se preterido por eles, que preferem ficar com os respectivos namorados e amigos. A filha, inclusive, planeja noivar, apesar de ele considerar cedo demais. Aos poucos, o tema dos filhos mais velhos mostra ser a principal fonte de sua angústia. No dia dos pais nem se importaram em parabenizá-lo. Reclama por querer que os filhos fizessem por ele o que ele faz por eles, mas isso não acontece, o que o deixa irritado e explosivo em casa, fato de que os filhos se queixam. Sente falta dos filhos. Refere levá-los e buscá-los de carro muitas vezes, até sem haver necessidade. Reconhece que criou os filhos dependentes, e justamente quando os mais velhos estão ficando mais independentes isso o incomoda.

À medida que ocorre o tratamento, vai ficando claro o seu mal-estar em relação ao crescimento e à separação dos filhos. Refere também ter se acalmado com eles, estar gritando menos com eles, etc. Lembra que as crises de angústia lhe ocorriam quando ia dirigindo para o emprego e pensava no que aconteceria com sua família e filhos, caso morresse; como ficariam sem ele.

Porém, seu tratamento mostra que o que realmente o angustiava era perceber que não tinha mais os filhos perto de si. Interpretei, então, que a questão para ele talvez fosse: como é que ele iria ficar, a partir de agora, sem os filhos?

Ele vem de uma família de oito irmãos e diz que não teve atenção individualizada dos pais. Depois dele – que é o quarto filho da prole – a mãe teve três filhas, que faleceram (duas como bebês e uma na gestação), lembra da sua mãe indo todo dia ao cemitério e levando a ele e aos outros irmãos junto. Suas crises de angústia atuais lembram-lhe mal-estares semelhantes quando pequeno, quando sua mãe ameaçava se matar após brigas com o pai, porque este ganhava pouco. E uma vez até foi preso, pois vendia um jogo considerado ilegal e não pôde mais vender. Quando tinha 6 anos, sua mãe de fato tentou suicídio com medicação, porque faltava dinheiro em casa.

Selecionei o caso de José porque a angústia me pareceu ser o que impulsionou a sua busca por atendimento, situação bastante observada nos pacientes-homens. Os sintomas gástricos o levaram ao clínico geral, mas foi a angústia que o levou ao Pronto-Atendimento em Saúde Mental.

Em minha experiência em ambulatório de saúde mental de adultos, comumente são as mulheres, mães, que procuram atendimento devido a dificuldades com o processo de separação dos filhos adolescentes, jovens que estão saindo de casa, se independentizando, trabalhando ou casando, ou tentando fazer isso. Nas mulheres, comumente o que move a procura por atendimento não é a angústia, embora também esteja presente, mas são os sintomas histérico-conversivos que fazem sua entrada no sistema de saúde, sua passagem pela emergência, ou pela rede básica e pelos médicos especialistas, seu encaminhamento à saúde mental.

Segundo Lacan ([1962-63] 2005), o neurótico recusa sua angústia e oferece seu sintoma, e isso se vê claramente nos casos das mulheres histéricas e um pouco também com o paciente relatado. Com frequência, essas mulheres fazem uma verdadeira *via crucis* por várias especialidades médicas: ortopedia e reumatologia, cardiologia e neurologia, só para dar alguns exemplos muito comuns. A ortopedia e a reumatologia, em função das dores muitas vezes difusas em diferentes partes do corpo (coluna, membros, etc.). Diagnósticos de artrose e fibromialgia são muito comuns nesses casos. Aqui é importante também fazer o parêntese de que boa parte da população que atendemos na rede pública possui em geral ocupações que despendem muito esforço físico, como as domésticas por exemplo, o que também produz efeitos sobre o corpo. O encaminhamento do clínico ao cardiologista ocorre devido à sensação de opressão no peito, que o afeto da angústia produz. No caso de José, dava-lhe a sensação de que iria enfartar.

Freud ([1926]1996), em *Inibição, sintoma e angústia*, assinala que a angústia se faz acompanhar de sensações físicas e descargas motoras, principalmente nos órgãos respiratórios e do coração. A falta de ar ou a sensação de sufocamento são muito relatadas por sujeitos angustiados. Já o encaminhamento ao neurologista se dá comumente em função de “esquecimentos”, lapsos de memória, e dos desmaios, tonturas ou quedas. Não quero dizer com isso que em todos os casos a causa seja apenas psíquica. Em alguns casos também se encontram causas orgânicas conjuntamente. De qualquer forma, são comuns as situações-limite entre o psíquico e o orgânico.

Durante todo o seminário *A angústia*, Lacan ([1962-63]2005) repete muitas vezes que a angústia é um afeto que não engana e que diz algo da estrutura do sujeito. Diz também que a estrutura da angústia e a estrutura da fantasia<sup>3</sup> são a mesma, mas o que significa exatamente isso? Vejamos a fórmula da fantasia  $\$ \leftrightarrow a$ , sujeito barrado punção de *a*. Lacan diz que o símbolo  $\leftrightarrow$  significa conjunção e disjunção do sujeito em relação ao *a*. Também diz que simboliza a angústia enquanto enquadramento, borda. O *a* é o objeto-causa de desejo, objeto perdido, lugar vazio que o sujeito tentará obturar em sua vida, com diversos objetos imaginários. Nos seminários *R.S.I.  $\xi/d$*  e *O sintoma (s/d)* Lacan coloca o objeto *a* como furo ou calço, a partir do qual se forma o quarto termo, que enoda real, imaginário e simbólico. Este quarto elo é o sintoma de estrutura ou *sinthome*, que constitui o sujeito. Lacan diz que, para Freud, o que estrutura subjetivamente, que corresponderia ao quarto nó, é a realidade psíquica e o complexo de Édipo. Para Lacan, o quarto nó, que enoda os demais, é o nome-do-pai.

Vejamos então como pensar essa fórmula. O sujeito se forma em relação a um grande Outro, lugar do tesouro do significante; em função de seu desamparo inicial depende de um outro para existir; deseja ser amado por ele; por isso deseja o desejo do Outro. Então o sujeito está alienado inicialmente em relação ao Outro primordial.

Lacan, no seminário *A angústia* ([1962-63] 2005), fala de cinco etapas da constituição de *a* na relação do sujeito com o Outro, ou cinco formas de perda (seio, cíbalo, falo, olhar e voz). Segundo Harari (1997), o *a* não é um objeto parcial, estes são semblantes de *a*. No seminário seguinte, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan ([1964] 1988) não fala do objeto falo;

<sup>3</sup> Aqui utilizo a tradução da Jorge Zahar Editor, que fala no termo *fantasia*, mas estou me referindo à idéia de *fantasma*.

considera-o presente de modo metafórico nos outros quatro citados, que são deslizamentos do fálico. De qualquer forma, se trata do *a* nos diferentes campos do desejo. Então, da relação entre o sujeito e o Outro se constitui um resto, que é o objeto. Esse objeto não existe *a priori*, ele se constitui na relação com o Outro, e o estágio do espelho é fundamental nisso. Mas, aos poucos, também há o desprendimento desse objeto, ele cai. Assim como há uma operação de desapego em relação ao Outro. Se não houvesse essa operação e esse resto, o sujeito ficaria preso ao desejo do Outro, alienado, não se constituiria como separado, nem como sujeito. Conjunção e disjunção do sujeito em relação a *a*.

No seminário *A angústia*, Lacan ([1962-63] 2005) fala da placenta como paradigma dos *a* (s), no sentido de que é um objeto que se forma e se desprende, e não pertence nem à mãe nem ao bebê, mas a ambos, está entre um e outro, é amboceptor. E implica um resto que não é o mesmo para cada um. Separação e perda são requisitos para constituição do sujeito e do objeto também. O peito se separa da boca, as fezes do ânus, a voz da boca, o olho do olhar.

No mesmo seminário, Lacan também propõe o objeto anal como paradigmático do *a*, pelo fato de ser cedível, se desprender do corpo e, ao ceder-se, constituir-se como objeto, quando se perde, quando se recorta enquanto caído, separado. Quando isso acontece, também se constitui o sujeito, o sujeito é identificado com esse *a*, e também se diferencia dele. As fezes são a criança e ao mesmo tempo não devem ser ela.

Cada período da vida traz um determinante de angústia ligado aos perigos que o sujeito encontra, segundo Freud ([1926] 1996), em *Inibição, sintoma e angústia*. O primeiro perigo é o ato de nascimento. Embora não haja aí ainda um sujeito constituído, conforme Freud, ele mantém o nascimento como protótipo de todos outros perigos que virão posteriormente. Quando o ego ainda é imaturo, o perigo é de desamparo psíquico. O perigo da perda do objeto se dá até a primeira infância, quando o sujeito ainda está dependente dos outros. Lacan ([1962-63] 2005) fala que a fase anal é a primeira que o Outro demanda; a mãe solicita as fezes, o sujeito é solicitado pelo Outro a se manifestar como sujeito, se constituindo como separado, pois pode recusar ou aceitar a demanda. Diferente da fase oral, em que o sujeito é quem demanda, e não diferencia o *a* do Outro. Os outros perigos, citados por Freud, são da castração, que se dá até a fase fálica, e o medo do superego, até a latência. Esses perigos podem aparecer ulteriormente na vida e fazer com que o ego reaja com angústia, segundo Freud, e também podem entrar em ação ao mesmo tempo. Cada neurose está ligada a uma dessas situações de perigo que seja predominante para o sujeito. Em cada etapa da estruturação do desejo há um ponto de angústia.

Tomando isso, Lacan ([1962-63] 2005) diz que a angústia é uma reação-sinal, em Freud, frente à perda do objeto e o desejo do Outro.

A angústia não se dá em função da alternância presença-ausência, mas, sim, quando não há falta para desejar, quando há falta da falta. É o surgimento da falta sob forma positiva que constitui a angústia. A saturação total da demanda causa angústia; há sempre um vazio a preservar, que tem a ver com o desejo. Por trás da angústia esconde-se a dimensão da devoração. Quando cai em situação de desamparo, a construção fantasmática fornece resposta apaziguadora à pergunta pelo desejo do Outro – essa é a função defensiva da fantasia.

Dito de outra forma, a angústia é o sinal do que se passa em certos momentos na relação do sujeito com o objeto *a*, e o sujeito entra nessa relação na vacilação de certo apagamento-*fading*. A angústia se relaciona com não-saber que objeto *a* sou eu para o desejo do Outro. O desejo do sujeito é uma interpretação do que ele pode ler do desejo do Outro, da pergunta “o que quer o Outro de mim?”.

Harari (1997) diz que é quando o sujeito se pergunta “que *a* quer o desejo do Outro que eu seja para ele? Que *a* quer de mim e por que eu não sei? O que (me) quer?” Quando o desejo do Outro se volta ingovernável para o sujeito suscita a angústia. O Outro quer a mim enquanto não sei que tipo de *a* sou para ele.

Voltando agora ao caso de José. Foi quando os filhos começaram a faltar que ele passou a se angustiar; isso o afetou. Foi difícil para ele se desapegar dos filhos, apresentando dificuldades semelhantes às das mulheres-mães relatadas, com a passagem adolescente dos filhos. Por que essa dificuldade com a separação e a perda do objeto? Que outras separações lhe foram difíceis? Algumas dessas idéias foram elaboradas apenas ao escrever este texto e após o término do tratamento de José. Por isso se configuram como hipóteses e têm um tom mais interrogativo. É possível que sua angústia de separação seja uma revivescência da angústia ante uma perda dramática da mãe, que costumava ameaçar tentar se matar e que uma vez de fato efetivou essa tentativa. Nesse caso, sua angústia atual é a revivescência da angústia frente a esse perigo real na sua infância e o estado de impotência diante do mesmo. Ou sua angústia pode ser também uma identificação ao sofrimento de perda da mãe, testemunhado por ele, em relação às três irmãs menores, que faleceram quando ele era ainda pequeno. Aí sua posição fantasmática seria de identificação à dor da mãe, enlutada pela perda e pela separação das filhas, de estar preso enquanto objeto nessa posição. Ou talvez reviva um possível afeto de sentir-se preterido pela atenção da mãe, que se volta para as filhas mortas. Devido a essa reiterada insistência dos significantes *morte* e *perda*, em sua história, relacionada a seus objetos primordiais, a separação parece ter se imbuído de uma significação de

morte para ele. Pois observei, *a posteriori*, que a interpretação que fiz de que o pânico que tinha sobre o que seria dos filhos caso ele morresse relacionava-se, ao inverso, com o pânico sobre o que seria dele sem os filhos. Essa interpretação teve um efeito pacificador sobre ele. Pois, em seu discurso, suas crises de angústia traziam na cadeia associativa o medo de morrer, o que é comum nas crises de angústia, mas traziam em específico a pergunta sobre o que seria dos filhos caso ele morresse. Talvez esse efeito pacificador tenha se produzido porque o levou a questionar a separação enquanto carregada de significação de morte. A soma dessas determinações podem ter levado a suas crises de angústia e à formação de seus sintomas.

Se a estrutura da angústia é a mesma da fantasia, qual sua posição no fantasma? Frente ao objeto aparece o horror de perdê-lo ou de se perder, e também associar separação com o significante *morte*. Interessante notar que parece ter se separado bem do Outro parental na sua adolescência, já que conseguiu organizar relativamente bem sua vida pessoal, profissional e afetiva. Ou seja, conseguiu preterir o Outro parental, sair do lugar infantil de objeto de cuidado dos pais e tornar-se sujeito de suas ações. Mas é quando ele está no lugar de ser preterido pelos filhos adolescentes, quando o colocam em segundo plano em suas vidas, aí se instaura sua crise, se identificando com o objeto-resto do abandono dos filhos, em vez de conseguir fazer o corte simbólico e tomar essa como uma separação necessária ao crescimento dos filhos.

### **Configurações do atendimento à saúde**

Mas o que faz pessoas como José ou as mulheres citadas rolarem através do sistema de saúde à procura de escuta, e muitas vezes não a encontram? Que desenho tecno-assistencial é apresentado aos usuários e que uso os mesmos fazem dessa configuração oferecida?

A forma discursiva preponderante na saúde, seja pública ou privada, é do modelo biomédico, que enfoca predominantemente os determinantes biológicos e anatomopatológicos do adoecimento, e que considera o hospital e as emergências como centrais e como o topo de uma hierarquia na rede de serviços de saúde. Nesses serviços, comumente a assistência se dá de forma rápida e superficial, no formato queixa-conduta. A rede assistencial como um todo é pouco articulada no modelo citado, e o sistema se torna burocratizado e verticalizado. A hierarquia também se observa entre as profissões que comumente se submetem ao saber biomédico, abrindo mão das suas contribuições específicas. Observa-se também uma organização fragmentária do trabalho, gerando alienação no processo do cuidado e na finalidade do trabalho. É um padrão

tecnicista e rotinizado de atendimento, segundo Ceccim e Capozolo (2004), prestando pouca atenção às singularidades dos casos e medicalizando em alto nível. E valoriza principalmente o saber epidemiológico, deixando como secundário o saber da clínica, quando ambos deveriam ter o mesmo lugar de importância. Os programas preestabelecidos é que definem as demandas em saúde *a priori*, e não levam em conta as demandas espontâneas. Como se fosse possível apenas uma clínica universal das doenças, sem considerar o traço singular.

Os autores acima que, entre outros, fazem parte da chamada área de saúde coletiva, realizam uma crítica contundente à forma de organização do sistema público de saúde. Muitos deles são médicos, enfermeiros ou trabalhadores da área de saúde. Não se trata de uma crítica aos hospitais, nem desconhecimento da necessidade de trabalhar nesse formato mais rápido, em serviços de urgência e emergência. A crítica se dirige ao modelo que considera apenas os hospitais como importantes, e que não percebe a importância da rede de serviços como um todo – os hospitais, a rede básica, os serviços especializados – bem como de outras formas de assistência. E que toma o modelo de assistência hospitalar como parâmetro de atuação nos outros serviços da rede. Quando falam em modelo biomédico não se referem à prática apenas de médicos, mas de diferentes profissões de saúde que se norteiam por esse modelo, além de se referirem a um modelo de organização do trabalho, dos serviços, da gestão, etc.

Esses autores propõem alternativas para o atendimento (assistência) e a gestão (organização dos serviços e dos processos de trabalho). Boa parte deles estiveram ligados à Reforma Sanitária, que foi um dos movimentos que gerou a criação do Sistema Único de Saúde em 1988. São defensores de um sistema de saúde que atente a interesses públicos, e não privados, e propõem uma reforma nesse modelo, que consideram hoje ainda predominante, e uma reafirmação dos princípios do SUS. Eles têm uma vasta produção de livros e artigos científicos que analisam o SUS sob esses diversos aspectos, juntamente com outros autores.

Retomando: então, nesse modelo, predominante e ainda vigente, a gestão avalia o trabalho em lógica quantitativa, computando e comparando periodicamente o número de consultas, de procedimentos, de exames e de vacinas, por exemplo. E leva menos em conta aspectos qualitativos relacionados ao processo do tratamento.

Esses autores, ao analisar, consideram que é um modelo de difícil sustentabilidade, tanto na área pública quanto na saúde suplementar dos planos de saúde, pois é oneroso e improdutivo. Gera pouca resolutividade no todo

do processo e angústia nos usuários e profissionais. Pois as especialidades se organizam de forma compartimentalizada e comumente as orientações profissionais vão em direções, não raras vezes, contrárias, causando angústia nos pacientes. Mas também gera gozo de alguns sujeitos em oferecerem-se ao olhar das diferentes especialidades e também de poderem dizer depois que “não resolvem nada”.

Ceccim e Capozolo (2004) propõem repensar a organização dos serviços, a gestão do sistema de saúde, bem como a formação nas instituições formadoras que reproduzem essa lógica hegemônica. Postulam um desenho assistencial que seja menos em forma de pirâmide e tome a rede como malha de cuidados horizontais, para que se desburocratize o fluxo entre serviços e se integrem os hospitais à rede, e se levem em conta atividades programáticas preestabelecidas, mas também projetos terapêuticos individuais.

Entre os autores da área de saúde coletiva, Emerson Merhy (1998) resalta que as tecnologias não dizem respeito apenas a equipamentos, ferramentas e normas organizacionais, que ele chama de tecnologias duras. Mas fala de tecnologias ligadas aos processos relacionais, ao encontro entre profissional e usuário, que ele chama de tecnologias leves. E tecnologias leve-duras, ligadas aos saberes sistematizados, por exemplo, da clínica e da epidemiologia. Propõe um modelo assistencial com ênfase nas tecnologias leves e leve-duras e numa rede básica forte de serviços, gerando modalidades assistenciais menos caras e mais eficazes do que a combinação de tecnologias duras e leve-duras. Não se trata de prescindir das tecnologias duras, pois o autor percebe o valor das diferentes tecnologias dentro do conjunto das ações de saúde; apenas entende que se deve repensar o lugar de importância dado a cada uma delas no todo do sistema. Mostra que oferecer muita tecnologia em equipamentos não é suficiente para melhorar a saúde da população.

Cada modelo assistencial tem sua caixa de ferramentas de saberes tecnológicos e gerenciais, e de modos de agir em saúde, segundo Merhy (2002). Um mesmo serviço pode ter missões diferenciadas, conforme o modelo de atendimento que se está querendo imprimir. Se o modelo for centrado nas tecnologias duras, certamente irá recortar como problemas de saúde as questões diagnosticáveis por essas tecnologias. É o que acontece com os pacientes que circulam nas diferentes especialidades médicas que recortam as causas biológicas do sintoma e que dizem que “não tem nada”, quando o exame orgânico nada acusa, o que causa indignação nesses pacientes, pois sentem um mal-estar, apenas não é diagnosticável pelos equipamentos da tecnologia dura. Se o modelo valorizasse as tecnologias leves e leve-duras, ofereceria uma escuta inicial mais cuidadosa dessas queixas e poderia detectar, já no início, as ques-

tões de ordem psíquica, sem fazer o paciente ter que passar por tantos exames quando não fosse necessário, nem o sistema ter que arcar com essa despesa, muitas vezes desnecessária, por exemplo.

Apesar desse modelo hegemônico de referência, acho importante assinalar que as práticas são as mais variadas na área de saúde, existindo tensão e também confluência entre modelos. Por exemplo, no nível macro, pode-se citar o próprio SUS, que tem uma visão ampliada de saúde e leva em conta, por exemplo, os determinantes de ordem socioeconômica, além dos biológicos, propondo a integralidade nas ações. Ou o Plano Nacional de Humanização do Ministério da Saúde, que abre um caminho no sentido de incluir a subjetividade na saúde, repensando o modelo de atendimento e de gestão – o sujeito é pensado pelos autores desse plano na perspectiva da análise institucional. Podemos citar também a pesquisa conduzida por Jerusalinsky, Kupfer e outros (Kupfer, M.C.; Voltolini, R., 2005) que visa criar indicadores clínicos baseados na psicanálise para detectar precocemente problemas no desenvolvimento infantil, instrumentalizando profissionais da rede básica de saúde pública. Também podem-se citar os próprios atendimentos em saúde mental que trabalham no nível da transferência e da linguagem, que acabam produzindo efeitos transferenciais não só nos pacientes, mas também na própria equipe e em outras instituições sociais que se ocupam do mesmo paciente. Ou, também, as residências multiprofissionais em saúde, que tentam dar uma formação voltada para a atuação interdisciplinar e a integração das áreas. Muitas dessas práticas podem ir na direção de trabalhar apenas no nível universal dos diagnósticos e da medicalização do sintoma, ou podem trabalhar também a escuta do traço singular do sujeito, dependendo das perspectivas que se tomem como norteadoras.

### **Ciência e saúde**

Esse modelo biomédico, que configura o modelo tecno-assistencial descrito pelos autores, relaciona-se com a concepção de ciência moderna vigente.

A própria multiplicação de disciplinas, de objetividades discursivas especializadas, é uma das características mais importantes da racionalidade moderna, segundo Madel Luz (1988), pesquisadora na área de saúde coletiva. No século XIX, com a dominância do modelo positivista nas ciências, as disciplinas do social e humanas passam a ter como ideal atingir a exatidão das disciplinas da natureza e, assim, legitimar-se socialmente, buscando maior controle do seu objeto. O método racionalista e a linguagem quantitativista torna-se, então, o modelo epistemológico de todas as disciplinas. E a sociedade passa a

partilhar valores conformes à razão. São verificáveis os efeitos dessa visão e valores nos modelos de gestão e atendimento na saúde, como se abordou.

Se, na época medieval, a teologia era a visão de mundo que ordenava as relações e a compreensão do cosmo, na modernidade a razão científica passa a ser o modo de ordenação do mundo, em detrimento de outras formas de expressão de verdades, como as artes, a política, a filosofia, a religião, etc. Isso tem início já no Renascimento avançado, no século XVI, quando se dessacraliza a vida e o cosmo, a natureza é dissociada do sagrado e do humano, e se torna objetividade e exterioridade, criando no homem o desejo de controlar a natureza. Também se cria um conjunto de dualidades dicotômicas que não admitem sínteses: natureza-homem, corpo-alma, mente-corpo, matéria-espírito, objeto-sujeito, quantidade-qualidade. E as disciplinas científicas que se criam, como a psicologia, a medicina, a física, a química, reproduzem nas suas teorias essas dualidades e dicotomias, embora também tentem reuni-las epistemologicamente. Aos poucos, na história, a razão é depurada dos sentidos e dos sentimentos e é dessubjetivada. No século XVIII, homem e cosmo são vistos como máquinas, o mecanicismo está na teoria, na metodologia e na linguagem da ciência.

A partir do século XX, vários autores criticam a racionalidade moderna. Entre eles, Bruno Latour (2001) – sociólogo francês e estudioso do funcionamento interno da ciência – diz que a ciência moderna acredita que há correspondência entre o mundo e a linguagem, entre palavras e coisas do mundo, acredita que é uma cópia exata do mundo. Mas Latour (2001) mostra que essa correspondência unívoca não acontece, que entre os objetos e as palavras há um caminho intermediário de transformações. Em seu fazer, primeiro o cientista abstrai o objeto de um contexto, o transforma, encaixa em escalas e classificações já construídas, coloca em padrões comparativos e, por último, o transforma em um artigo científico em que faz relações e comparações. São várias etapas de transformações entre o objeto do mundo que é pesquisado até chegar ao conhecimento no texto científico. Não se trata de uma relação de correspondência direta, como a ciência moderna acredita ser.

O autor evidencia que um experimento, mesmo o de laboratório, é um evento, uma invenção, uma construção, e não uma descoberta. O modelo moderno de ciência pensa uma lacuna entre sujeito e objeto e uma correspondência – é uma teoria da correspondência da verdade. Nessa noção, a causalidade já existe e o objeto é sem história. Para o autor, a causalidade vem depois dos eventos, não antes, e todos os argumentos são históricos e contingentes.

É interessante poder pensar a articulação dessas construções sobre a ciência que esses autores fazem – Madel Luz, Latour, etc. – e o que a psicanálise coloca: que não há essa correspondência biunívoca entre linguagem e coi-

sa, mas que a linguagem é polissêmica, o significante é polissêmico, a coisa é inscrita na linguagem. Assim como o corpo é implicado na e pela fala, inscrito no simbólico. E o objeto *a* é produzido pela ação da fala e do significante no corpo, se desprende como resto de uma operação divisória, que se realiza em função da ordem significante. Pois justamente o sonho positivista é diminuir a polissemia da linguagem e encontrar significados definitivos. Sonho esse que se expressa nas diferentes áreas de saber, no imaginário social e na própria organização das instituições sociais e de saúde, bem como nas práticas assistenciais, quando pretendem uma objetivação do sujeito.

Apesar de procurar uma filiação inicial à ciência de sua época, a psicanálise, no século XX, também teve um papel importante, dando um golpe na racionalidade, ao propor que a razão e a consciência não estão no centro do sujeito humano.

No seminário *A angústia*, Lacan ([1962-63] 2005) se esforça em mostrar as diferenças entre a ciência e a psicanálise; diz que o objeto do desejo é diferente do objeto da epistemologia e da ciência, pois a psicanálise fez a descoberta da eficácia da operação significante como tal. A ciência ocidental acredita na razão pura, no formalismo lógico, num objeto formal e abstrato. A psicanálise, diferente da objetividade, propõe a objetividade que se refere ao objeto *a*, lugar central do desejo, pois o desejo move a função do conhecimento.

A função do conhecimento se liga à imagem do sujeito no estágio do espelho – *i(a)* – quando sua presença no Outro não tem resto, é uma imagem fechada, uma boa forma. O objeto do conhecimento é construído tal como a relação com a imagem especular, por isso é insuficiente. A falta é inerente à constituição de qualquer lógica, mas, segundo Lacan, a ciência tenta mascará-la, tem a ambição de considerar a falta como preenchível; a psicanálise, em sua clínica, por outro lado, leva em conta a falta como tal, o real.

### **Para concluir**

A psicanálise oferece ferramentas conceituais e práticas para superar a drástica divisão moderna entre sujeito-objeto e mente-corpo, que organiza a ciência e a configuração assistencial na saúde, através do saber da clínica, da escuta da transferência e do traço singular. E, junto com outros saberes, como o da área da saúde coletiva, pode auxiliar a repensar desde a própria assistência até a organização dos serviços de saúde, sua gestão, relação com outras instituições sociais, etc.

Sujeito e objeto não estão separados por uma lacuna, como acredita a ciência, nem essa lacuna deve ser preenchida de modo unívoco. A psicanálise

relaciona sujeito e objeto com as noções de fantasma e angústia, entre outras, pois justamente o trabalho da análise é de atravessar o fantasma, isto é, percorrê-lo nos (assim considerados) dois pólos – de sujeito e de objeto.

#### REFERÊNCIAS

- CECCIM, Ricardo; CAPOZOLO, Ângela. Educação dos profissionais de saúde e a afirmação da vida: a prática clínica como resistência e criação. In: MARINS, João e outros (orgs.). *Educação médica em transformação: instrumentos para a construção de novas realidades*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia [1926]. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago 1996.
- HARARI, Roberto. *Seminário a angústia de Lacan*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- KUPFER, Maria Cristina; VOLTOLINI, Rinaldo. Uso de indicadores em pesquisas de orientação psicanalítica: um debate conceitual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. set-dez 2005, v. 21 n.3, p.359-364.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia* [1962-63]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 22: R.S.I.* s/d.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 23: el sinthoma.* s/d.
- LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- LUZ, Madel. *Natural, racional, social; razão médica e racionalidade científica moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- MERHY, Emerson. *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- MERHY, Emerson. A perda da dimensão cuidadora na produção da saúde – uma discussão do modelo assistencial e da intervenção no seu modo de trabalhar a assistência. In: REIS, Afonso et al. *Sistema Único de Saúde em Belo Horizonte; reescrevendo o público*. São Paulo: Xamã, 1998.

Recebido em 10/01/2008

Aceito em 20/03/2008

Revisado por Maria Ângela Bulhões

**TEXTOS**

## O AFETO QUE SE ENCERRA<sup>1</sup>

Robson de Freitas Pereira<sup>2</sup>

**Resumo:** O autor examina a angústia a partir de três perspectivas: política, clínica e conceitual. Tal articulação é feita a partir da relação do sujeito ao Outro, sua demanda e a posição do objeto. O artigo indica o momento político do movimento psicanalítico a partir das posições de Jacques Lacan, a evolução conceitual por ele proposta e suas decorrentes incidências clínicas. Enfatiza o lugar do corte e o desejo do analista como o direcionador da cura.

**Palavras-chave:** angústia, corte, Outro, desejo do analista.

### THE CLOSING AFFECT

**Abstract:** The author approaches anguish in three different perspectives: political, clinical and conceptual. Such articulation is made through the relation of the subject and the Other, its demand and the position of the object. The article indicates the political moment of the psychoanalytical movement in which Lacan proposed a conceptual evolution of anguish and its clinical impacts. Also, it underlines the importance of the desire of the analyst in the direction of cure.

**keywords:** anguish, Other, desire of the analyst, cut.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Jornada de Abertura da APPOA – *Angústia*, realizada em Porto Alegre, março de 2007.

<sup>2</sup> Psicanalista; Membro da APPOA. Organizou entre outros livros, *Sargento Pimenta Forever*. Porto Alegre: Libretos, 2007. E-mail: rpereira@portoweb.com.br

O afeto que se encerra ■

*Recebe o afeto que se encerra  
Em nosso peito juvenil,  
Querido símbolo da terra,  
Da amada terra do Brasil  
(Olavo Bilac e Francisco Braga)<sup>3</sup>.*

**C**urioso que o termo encerrar desliza para conter, ser continente e também terminar, finalizar. Cortar.

Há alguns anos, em Ijuí/RS, participei de uma jornada com o tema da angústia. Na época, escrevi *o afeto que se encerra na mais completa abertura*. Título que queria explicitar a lógica que encerra o conceito de angústia: uma intimidade estranha que deve sua intensidade a uma irrupção, ao perigo de que o limite venha a faltar. Ou seja, que a abertura seja incomensurável e não tenhamos recursos para fazer bordas, enquadres. Orlas, litorais<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Hino à Bandeira  
Salve, lindo pendão da esperança  
Salve, símbolo augusto da paz!  
Tua nobre presença à lembrança  
A grandeza da pátria no traz.

Em teu seio formoso retratas  
Este céu de puríssimo azul,  
A verdura sem par destas matas  
E o esplendor do Cruzeiro do sul.

Contemplando o teu vulto sagrado,  
Compreendemos o nosso dever,  
E o Brasil por seus filhos amados,  
poderoso e feliz há de ser.  
Sobre a imensa Nação Brasileira,  
Nos momentos de festa ou de dor,

Paira sempre sagrada bandeira  
Pavilhão da justiça e do amor!

Recebe o afeto que se encerra  
Em nosso peito juvenil,  
Querido símbolo da terra,  
Da amada terra do Brasil.  
Letra : Olavo Bilac, príncipe dos poetas brasileiros; música: Francisco Braga – primeira apresentação: 09/11/1906.

<sup>4</sup> Quando elaboramos o título, deixamos de lado a autobiografia homônima de Paulo Francis, grande jornalista, que passou seus últimos anos vivendo fora do Brasil, fazendo crítica sobre sua pátria, ou o Brasil que ele gostaria de ver modificado.

Com relação à letra do *Hino à bandeira*, que nos serve de epígrafe, qual sua função aqui, quais as questões que queremos abordar com ele? A primeira está descrita no estribilho: da oferta do afeto que se encerra em nosso peito. Lacan ([1962-63] 2005) afirma, logo na primeira lição, que angústia é algo que se sente no plexo solar, no peito. Talvez seja a mais próxima sensação de que corpo e mente, corpo e palavra estão indissociavelmente ligados.

Além disso, também aprendemos, com a abordagem inusitada e renovadora feita ao longo deste seminário, que angústia está articulada com o Outro (A), mais especificamente com as diferentes maneiras como nos relacionamos com esse A e sua demanda. Como a divisão subjetiva, operada pela relação com esse Outro tem efeitos simbólicos, imaginários e reais. A passagem que uma análise permite o trânsito entre a demanda e o desejo é um dos eixos de trabalho que iniciamos hoje.

Por isso, retomamos; hino a gente aprende na escola (e na igreja, com o hinário fazendo parte da liturgia da missa, ou do culto das diversas religiões, mas não vamos nos deter neste aspecto). Quando os valores de amor à pátria são ensinados na escola, às crianças. Eu aprendi junto com o *Hino nacional* e o da *Hino da independência*.

“Pátria, último refúgio dos canalhas”, afirmou alguém. Lembremo-nos do pungente evento dos generais argentinos liderados por Galtieri, levando a nação à guerra pelas Malvinas. Patriotismo e patriotada, dois significados diferentes: um afirma que existe uma terra que nos identifica e devemos defender, exaltar e mesmo transmitir como um ideal; outro acena com o derrisório, com a falta do pai, ou com sua perversão, que em alguns casos convoca para a morte. Saber distinguir entre as duas significações não é tarefa fácil. A história recente do Brasil nos demonstra isto. Os efeitos do golpe militar de 64 e seus desdobramentos vão muito além das questões político-econômicas. Um desses efeitos: o estreitamento da noção de pátria, sua confusão com o governo e o Estado. Só há pouco tempo, a data da independência (sete de setembro) começou a se desvincular de uma festa unicamente militar, para começar a ser tomada com sentido cívico. Mesmo assim, não sabemos se essas mudanças estejam se encaminhando para uma “consciência cívica”, de cidadania e responsabilidade; pois essa mesma história mostra que os períodos de quartelada, militares no poder e ditaduras, são bem maiores que situações democráticas.

Podemos tomar um outro exemplo, vindo do cinema de Hollywood, do melhor que os grandes estúdios podem distribuir. Os Estados Unidos parecem ter um conceito de nação bem estruturado, com seus valores sendo exportados, para o bem e para o mal, desde o início do século vinte, amparados na

hegemonia militar, econômica e cultural conquistada. *The flag of our fathers*<sup>5</sup>, filme de Clint Eastwood, mostra o quanto um símbolo, como a bandeira sendo hasteada, pode significar. Vocês devem estar lembrados: a campanha norte-americana no Pacífico estava patinando, os fundos de guerra estavam escasseando, o povo parecia cansado da guerra. Uma foto, da bandeira norte-americana sendo erguida na ilha de Iwo Jima, no Japão, por um grupo de soldados, possibilitou retomar o esforço de guerra. Os jovens transformados em heróis e a encenação do evento, simbolizando um ato de bravura, puderam alavancar a retomada da conquista. Mesmo ao preço da ruína pessoal de cada um dos participantes daquele ato. A função da bandeira de um país, significando, dando sentido à banalidade da guerra, foi retomada a partir de uma imagem, uma foto<sup>6</sup>. A imagem preencheu uma função. Isso nos faz recordar uma fala de nossa colega Maria Auxiliadora Sudbrack “um símbolo vem no lugar daquilo que falta” como um livro que falta numa biblioteca. É preciso que se organize uma biblioteca para que possamos nos dar conta de que um volume pode faltar.

Disso falamos quando abordamos a angústia; que o pai possa faltar, ou que sua falha seja tão grande que não haja possibilidade de fazer frente à demanda do Outro. Trata-se dessa tentativa de reagir ao sinal de perigo: cantar o hino para o Outro, pela demanda de amor do-ao-outro. Para que possamos constituir símbolos, entregar palavras, nem que sejam cantadas.

Outra associação quanto ao verso do *Hino à bandeira*: falar de coisas primárias, que se aprendem no primário. Angústia é primária porque é um afeto fundamental. O único que não engana, dizia Lacan ([1962-63] 2005).

Então, a partir dessa referência inicial à relação com o Outro, vamos tentar falar do corte, do símbolo e do desejo em três momentos: política, clínica e conceitual.

## 1. Questões de história e releitura

Em 1963, na história do movimento psicanalítico francês, encerram-se “nossos mais belos anos” (nas palavras de Elisabeth Roudinesco, no texto do volume II da *História da psicanálise na França*, A batalha dos cem anos); pois

---

<sup>5</sup> No Brasil, recebeu o título *A conquista da honra*. A tradução literal, *A bandeira de nossos pais*, pode permitir maior aproximação com o tema que tentamos abordar aqui. Com a película, Eastwood levou o Oscar 2007 de melhor diretor, realizando este e simultaneamente *Cartas de Iwo Jima*, em que o mesmo conflito podia ser visto pelos relatos norte-americanos e japoneses.

<sup>6</sup> O que poderia fornecer elementos para uma discussão sobre nossa atualidade: quando uma imagem pode exercer, permitir o exercício de uma função simbólica.

foram os primeiros dez anos de seminários proferidos por Jaques Lacan. Além disso, termina o processo de avaliação do pedido de entrada-reconhecimento da Sociedade Francesa de Psicanálise – SFP – da qual Lacan era um dos fundadores. A comissão encarregada emitiu seu segundo relatório, cujas conclusões são bem conhecidas. Ao ser impedido de continuar formando analistas, por sua prática que rompia com a burocracia vigente, Lacan vê-se impedido, a partir de 1964, a fundar a Escola Freudiana de Paris, com os efeitos que até hoje reverberam no movimento psicanalítico.

O que estava em jogo, além do reconhecimento de um novo grupo, eram os pressupostos de uma clínica analítica, até aquele momento sob a hegemonia de um estamento conceitual pós-freudiano, que dava predomínio a uma psicologia do ego e ao analista como um ideal. Dominada também pelas regras de formação: a condução das análises didáticas, dentro dos padrões então vigentes, em que o tempo cronológico das sessões era um dos pilares dessa prática.

Hoje pode parecer fácil, quase lugar-comum, reconhecer o quanto esses conceitos lacanianos, que eram tão escandalosos na década de 50 e mesmo nos anos 60, fazem parte direta ou indiretamente das diferentes comunidades analíticas e mesmo da cultura em geral. Atualmente, na IPA, o termo análise didática parece não ser mais como da discórdia, e um filósofo, como Luc Ferry, em seus livros e conferências (só para citar um exemplo), emprega conceitos que vêm da psicanálise para falar dos medos fundamentais do homem: fobias e medo do Outro (o grande outro). Sem falar nos vaticínios de que a psicanálise está morrendo ou de que ela está prestes a ficar relegada ao museu das práticas terapêuticas, ou mesmo das constantes acusações contra Freud ou Lacan. Os fundamentalistas religiosos ou mesmo da ciência positivista bem que gostariam que essas profecias se realizassem.

Porém, o início dos anos 60 era um momento de grande angústia para aquele grupo que seguia os seminários ou as supervisões e análise com Lacan. No decorrer do período, vários analisantes e alunos de Lacan estavam passando por entrevistas para descrever como se passava sua própria análise. Podemos avaliar a tensão sob a qual alguns psicanalistas deram suas contribuições no decorrer das aulas do seminário (entre eles, Piera Aulagnier, Wladimir Granoff e François Perrier), ao comentar os textos sobre contratransferência, que serviam de base para as discussões. Entretanto, esse também era um momento de grande entusiasmo e questionamento dos pressupostos clínicos e conceituais. Consolidava-se a clínica propriamente lacaniana, que tinha no retorno a Freud, na elaboração inusitada e rigorosa de seus conceitos, suas principais referências. Um dos eixos desse método de releitura consistia na articulação dos conceitos psicanalíticos com a produção filosófica, lingüística e antropológica, para

citar três de alguns dos campos importantes. Sem falar que o confronto com a produção psicanalítica da época, pela leitura dos textos temáticos, era um dos métodos de trabalho.

## 2. Clínica

Tomar angústia como tema de trabalho não é por acaso. A grande e importante produção dos analistas pós-freudianos sobre o tema da contratransferência demonstra sua importância. Em outras palavras, os psicanalistas estão engajados em sua prática, reconhecem as dificuldades que os efeitos da transferência provocam e tentam dar conta disso, descrevendo sua prática e amparando-se no conceito de contratransferência e seus pressupostos. O tema da angústia implica a responsabilidade dos analistas na condução dos tratamentos. Todos sabem o que é angústia, todos a sentem no plexo, ou reconhecem sua irrupção.

Porém, ao interrogar a posição do psicanalista, Lacan ([1962-63] 2005) subverte o status de analista como ideal da cura. Analista não é sujeito, é objeto-causa do desejo, sem precisar abrir mão de sua responsabilidade na condução do tratamento, como uma visada de senso comum poderia levar a pensar. Vide lição de 12 de dezembro de 62 a respeito da cura, ou melhor, do que se espera de uma cura analítica:

*Je me souviens avoir provoqué l'indignation chez certe sorte de confrères qui savent à l'occasion se remparder derrière je ne sais quelle enflure de bons sentiments destinée à rassurer je ne sais qui, d'avoir provoqué l'indignation en disant que dans l'analyse, la guérison venait em quelque sorte par surcroît. On y a vu je ne sais quel dédain de celui dont nous avons la charge, de celui qui souffre. Je parlais d'un point de vue méthodologique. Il est bien certain que notre justification comme notre devoir est d'améliorer la position du sujet. Et je pretends que rien n'est plus vacillant dans le champ on nous ~~somme que le concept de guérison~~* (Lacan, [1962-63] 2005), p. 59/60).

Lembro-me de ter provocado a indignação daquele tipo de colegas que, vez por outra, sabem escudar-se atrás de sabe-se lá que exagero de bons sentimentos, destinados a tranquilizar não sei quem, ao dizer que, na análise, a cura vinha por acréscimo. Eles viram nisso não sei que desdém por aquele de quem nos encarregamos e que está sofrendo, quando eu falava de um ponto de vista

metodológico. É certo que nossa justificação, assim como nosso dever, é melhorar a situação do sujeito. Mas afirmo que nada é mais instável, no campo em que estamos, do que o conceito de cura (Ibid, p. 67).

Nesse trecho, citado acima, vemos a tentativa de esclarecer a posição ética: seguindo Freud, há que evitar o *furor curandis*, mas isso não significa desdém com o sofrimento do outro. Ao contrário, temos uma responsabilidade com essa prática clínica.

A direção da cura, por mais instável que possa ser, passa por uma mudança em que a dualidade tem que se romper. Duas pessoas, dois corpos, mediados pela linguagem que os humaniza. Não mais como um instrumento que se manipula, mas como um discurso pelo qual somos falados, mais do que gostaríamos conscientemente.

Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida, nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam. Nossa tarefa será demonstrar que estes conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala (Lacan, 1995, p. 247).

Essa mudança de posição – o significante como essencial na condução do tratamento – traz conseqüências clínicas. Análise propriamente lacaniana: analista não é sujeito, é objeto-causa de desejo, faz aparência desse objeto que é resto e causa de desejo simultaneamente. É no seminário *A angústia* que vemos ser elaborada essa noção de objeto *a*, esse que é resto e causa de desejo. O mesmo objeto que estrutura a angústia e o fantasma fundamental de cada um. O analista faz aparência desse objeto, mas não domina a máscara que o outro vê nele. Por isso, não está na posição de mestria, de sujeito. Conduz o tratamento, mas não como ideal, seja de normalidade ou de representante de qualquer adaptação. Será necessário, então, interrogar o que sustenta a posição do analista, quando recusa a dualidade e reconhece a primazia do significante. Aqui podemos retomar a afirmação lacaniana, tantas vezes repetida: o desejo do homem é o desejo do Outro. Uma das conseqüências dessa afirmação é um questionamento sobre o desejo que move o analista. Um desejo do analista, como referência para a condução dos tratamentos. Pois, na análise, ao se confrontar com o desejo do analista, o sujeito poderá vislumbrar seu próprio desejo, para o bem ou para o mal; pensando que se defrontar, reconhe-

cer o desejo como próprio, implica reconhecer a castração que lhe dá origem, algo por vezes da ordem do insuportável.

### 3. Conceito

Para aproximar-se do conceito de desejo do analista (fio condutor do seminário da angústia) a contratransferência fica questionada. Não para descartar as descrições das vicissitudes da clínica cotidiana (dado reconhecido por todos), mas, ao contrário, reconhecer nela os efeitos da divisão subjetiva. O fato de a angústia estar articulada com o antigo conceito de contratransferência parece demonstrar para Lacan o quanto esses efeitos da transferência se devem às dificuldades do analista com a função simbólica. Em determinado momento, ele chega a afirmar que a contratransferência é tudo aquilo que o analista recebe como significante e que fica recalcado por ele. Para tentar sair do impasse e seguir na lógica do pensamento freudiano é que somos levados a pensar um conceito que se articule com os fundamentos do inconsciente. Assim, o que move a análise é o desejo do analista. O sujeito dividido. O resto dessa divisão da qual a angústia é sinal do excesso do que sobrou e do que pode não faltar. Então a angústia se concebe através da noção do corte (*la coupure*) que garante a castração; ou seja, da instalação de uma falta e do sinal de que essa falta possa faltar pela ineficácia ou inexistência desse corte simbólico. Do objeto-resto desse corte e das incidências imaginárias, simbólicas e reais dessa divisão é que fazemos a interrogação sobre o desejo que sustenta uma travessia de análise. Não poderíamos deixar de assinalar, mesmo que rapidamente, o quanto essa noção de angústia como sinal, inicialmente elaborada por Freud, vai levar Lacan a afirmar que angústia é sinal, mas sinal do Real, da irrupção do Real no campo do Imaginário.

Entretanto, nessa situação particular, de colocar o psicanalista em questão, seu lugar, seus impasses podem ser compartilhados nessa comunidade singular que se reúne sob a égide do discurso psicanalítico.

Daí nossa interpretação da abertura da primeira aula do seminário da angústia, onde, no grafo da subversão do sujeito, comparece em toda sua abrangência a pergunta: *Che vuoi?*<sup>7</sup> (O que queres? O que me quer? O que quer de mim?).

<sup>7</sup> Referência à novela de Cazotte, *O diabo enamorado*, cuja cena do aparecimento do diabo convocado interroga seu convocante com uma pergunta sobre o desejo. Lacan se utiliza dessa narrativa justamente no início do seminário, para destacar a articulação entre surgimento da angústia, sua relação com o Grande Outro e o desejo do sujeito interpelado.

Assim, portanto, a pergunta que fiz, sobre a relação de vocês como analistas com a angústia, deixa em suspenso esta outra: quem é que vocês poupam? O outro, sem dúvida, mas também vocês mesmos. Esses dois tipos de cuidados não devem ser confundidos pelo fato de se superporem (Lacan, 2005, p.15).

Essa interrogação agora está direcionada ao analista, esse sujeito que se reconhece dividido pelo significante e que se responsabiliza pela condução de um tratamento. Daí a razão de havermos iniciado com a citação do *Hino à bandeira*, para falarmos “da relação essencial da angústia com o desejo do Outro” (Lacan, [1962-63] 2005, p.14), tomarmos a preocupação com o analisante como não-excludente do rigor teórico, e nos apropriarmos da pergunta *Che vuoi?* para fazer algumas aproximações ao conceito desejo do analista. Legado de responsabilidade com a psicanálise.

#### REFERÊNCIAS

- LACAN, J. Função campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 238-324.
- LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia* [1962-63]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Recebido em 05/12/2007  
Aceito em 13/01/2008  
Revisado por Daniel Ritzel